

**LAÉRCIO ROGGE**

**A UNIDADE DA IGREJA**

**Entendendo, cultivando e zelando por ela**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para cumprir as exigências da disciplina de TCC II do curso de Bacharel em Teologia, ministrada pela professora Marivete Z. Kunz.

**FACULDADE BATISTA PIONEIRA**

**IJUÍ/RS**

**2009**

**FACULDADE BATISTA PIONEIRA**

**A UNIDADE DA IGREJA**  
**Entendendo, cultivando e zelando por ela**

---

Autor: Laércio Rogge

---

Orientador de Conteúdo: Claiton André Kunz

---

Avaliador de Forma: Claiton André Kunz

---

Avaliador de Português: Luciano G. Soares

---

Avaliadora Final: Hariet W. Kruger

---

Média Final

Aprovado em \_\_/\_\_/

Ijuí

## **DEDICATÓRIA**

Primeiramente dedico esta obra para a glória de Deus, no desejo que a mesma possa ser utilizada para abençoar muitas vidas, e não ser somente um trabalho acadêmico sem importância. Também, de forma especial dedico-a a minha amada esposa, meus queridos pais e meus três irmãos, aos irmãos em Cristo do Projeto Pomerano, que nos sustentaram nesses quatro anos, e aos colegas, irmãos e amigos gaúchos que foram, são e continuarão sendo importantes e inesquecíveis para mim.

## **AGRADECIMENTO**

Agradeço imensamente a Deus por me inspirar, fortalecer, enfim, por me auxiliar em todo esse processo. Agradeço de todo coração a minha esposa, que esteve ao meu lado, me incentivando e amando. Também quero agradecer aos meus familiares por todo carinho, aos irmãos que intercederam perante o Senhor para que pudesse desenvolver a tempo esse trabalho, e pelas dicas que foram muito úteis e decisivas. Quero agradecer a cada professor pela colaboração, instrução e estímulo. Muito obrigado!

“Minha oração não é apenas por eles. Rogo também por aqueles que crerão em mim, por meio da mensagem deles, para que todos sejam um, Pai, como tu estás em mim e eu em ti. Que eles também estejam em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste. Dei-lhes a glória que me deste, para que eles sejam um, assim como nós somos um: eu neles e tu em mim. Que eles sejam levados à plena unidade, para que o mundo saiba que tu me enviaste, e os amaste como igualmente me amaste”.

Evangelho de João 17.20-23

## **RESUMO**

A igreja, ou aqueles que são chamados para fora, os salvos, os crentes em Cristo Jesus, são a igreja de Deus na terra. Independentemente do número, igreja compreende um grupo local de cristãos e/ou todos os cristãos de todas as épocas e lugares. A igreja é figuradamente descrita na Bíblia como povo de Deus, família de Deus, corpo de Cristo, etc.. Ela tem uma razão de ser, ou seja, ela existe para desempenhar sua função aqui na Terra que é adorar a Deus, pregar as boas notícias ao mundo, edificar-se e servir. O conceito de igreja em si, as figuras que a representam, bem como sua própria missão, exigem e descrevem algo indiscutível, a unidade da igreja. Este é também o pedido expresso na oração sacerdotal em Jo 17.21-23, uma unidade gerada segundo a vontade de Deus, o Pai, por intermédio de Seu filho, Jesus Cristo, pela atuação do Espírito Santo. A unidade da igreja em sua complexidade apresenta muitas características interessantes e importantes. A igreja é um corpo multiforme caracterizado pelas diferenças. Ela precisa saber como e quando se unir ou se excluir de determinados grupos ou movimentos na intenção de se manter unida. Outro desafio é o de se manter unida em meio a ideias humanas separatistas e individualistas. Embora complexa, a unidade entre os cristãos é muito importante, pois possui algumas finalidades como glorificar a Deus, atrair e alcançar os descrentes, conferir crescimento e maturidade, fortalecimento e avivamento ao povo de Deus. Também é constatado que, já no período moderno, mas muito mais, no pós-moderno, pensamentos e ideias vêm exercendo influências negativas e contrárias ao quesito unidade, procurando ressaltar o individualismo e o relativismo. Frente a essas ideias, a igreja precisa atentar para cultivo, zelo e preservação da unidade. Para isso, a igreja precisa esclarecer, ensinar e trabalhar princípios básicos e práticos da unidade cristã. Ela deve começar pelo indivíduo (o cristão) que precisa atentar para suas responsabilidades quanto ao cultivo da unidade. Também deve focar e trabalhar o cultivo e a importância da unidade no seio da família cristã. E por fim, ensinar e trabalhar esses princípios práticos na igreja local e universal. É por meio dessas medidas e nessas proporções que se pode cultivar, preservar e expressar a unidade pela qual Jesus orou. Essa pesquisa visa abordar o tema de unidade da igreja, considerando e descrevendo dentro das perspectivas acima.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>I – DEFINIÇÕES SOBRE A IGREJA.....</b>	<b>10</b>
<b>1.1 Conceito de Igreja .....</b>	<b>10</b>
<b>1.2 Igreja Universal e Local.....</b>	<b>14</b>
1.2.1 Igreja Universal.....	14
1.2.2 Igreja Local .....	15
<b>1.3 Figuras Bíblicas da Igreja e Sua Conotação Com a Unidade .....</b>	<b>16</b>
1.3.1 Povo de Deus .....	17
1.3.2 Família de Deus .....	18
1.3.3 Edifício de Cristo .....	18
1.3.4 Templo do Espírito Santo .....	19
1.3.5 Corpo de Cristo .....	19
<b>1.4 A Missão da Igreja e Sua Conotação Com a Unidade .....</b>	<b>20</b>
1.4.1 Adoração .....	21
1.4.2 Evangelização .....	21
1.4.3 Edificação .....	22
1.4.4 Serviço .....	23
<b>II – UNIDADE DA IGREJA E SUA COMPLEXIDADE.....</b>	<b>25</b>
<b>2.1 Conceito de Unidade Espiritual .....</b>	<b>25</b>
<b>2.2 Conceito de Unidade da Igreja Local.....</b>	<b>27</b>
<b>2.3 Complexidade da Unidade Cristã.....</b>	<b>30</b>
2.3.1 Unidade X Uniformidade.....	30
2.3.2 Unidade X Ecumenismo .....	33
2.3.3 Unidade X Divisão.....	35
<b>2.4 Propósitos da Unidade Cristã .....</b>	<b>38</b>
2.4.1 Glorificar a Deus .....	38
2.4.2 Proclamar o Evangelho .....	39
2.4.3 Crescimento e Maturidade da Igreja .....	40
2.4.4 Fortalecimento e Avivamento da Igreja.....	42
<b>III – PRINCÍPIOS BÁSICOS PARA A UNIDADE CRISTÃ .....</b>	<b>45</b>
<b>3.1 Princípios para a Unidade na Vida do Cristão.....</b>	<b>45</b>
<b>3.2 Princípios para a Unidade na Família Cristã .....</b>	<b>49</b>
<b>3.3 Princípios para a Unidade na Igreja Local.....</b>	<b>53</b>
<b>3.4 Princípios para a Unidade na Igreja Universal.....</b>	<b>57</b>
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>60</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>63</b>

## INTRODUÇÃO

Atualmente a humanidade depara-se com conceitos e filosofias de vida que sutilmente ensinam e propagam que a vida social, comunitária e familiar, não é tão importante. O homem passou a concentrar-se no “eu”. Esta centralização do “eu”, da “pessoa”, tem levado ao estabelecimento de uma verdadeira cultura individualista, que dispensa os padrões bíblicos sobre vida em conjunto. Os valores altamente “relativizados”, enraizados no eu, estão se sobrepondo e desprezando a verdade absoluta e o referencial de conduta que é a Palavra de Deus. Tragicamente, o eu vem se tornando o parâmetro do ‘bem e da verdade’. O individualismo e o relativismo são forças geradoras, em potencial, que contribuem para o caos social e moral da humanidade. A igreja cristã também está sendo influenciada por esses movimentos. Indubitavelmente, o individualismo e o relativismo têm afetado o convívio social dos cristãos. Como a igreja ou os cristãos podem se guardar desse mal e viver a unidade? Estaria a unidade entre os cristãos ameaçada?

Por essa razão, surge o interesse de escrever sobre a unidade da igreja. O próprio Jesus no Novo Testamento, no Evangelho de João 17.20-23, ora ao Pai pedindo por unidade entre os cristãos. Tudo isso despertou a curiosidade para se pesquisar e avaliar o quanto chega a ser importante o quesito chamado unidade. A intenção é também despertar e promover, não só nos líderes, mas em cada cristão o entendimento, o cultivo e o zelo para com este assunto tão mencionado na Palavra de Deus. A questão da conscientização quanto à relevância da unidade precisa ocorrer definitivamente, pois Cristo orou para que ela se cumprisse na vida da igreja em todo o decorrer da história.

A pesquisa volta-se inteiramente ao assunto Unidade da Igreja gerada por Deus em Cristo Jesus, baseada principalmente na oração de Jesus em Jo 17.20-23, mas considerando também outros textos importantes (I Co 12.12-31; Ef 4.1-5.21, etc.). Primeiramente trabalha-se o conceito de Igreja, uma breve explanação sobre igreja universal e local, uma descrição sobre algumas figuras bíblicas da Igreja (povo de Deus, família de Deus, edifício de Cristo, templo do Espírito Santo e corpo de Cristo) fazendo alusão à unidade. Também há uma exposição direta sobre a missão da igreja (adoração, evangelização, edificação e serviço), aludindo à unidade.

O segundo passo é definir um conceito de unidade espiritual e unidade da igreja local (sua base e natureza). Em sequência, descreve-se ou apresenta-se a complexidade da unidade:

Unidade X Uniformidade, Unidade X Ecumenismo e Unidade X Divisão. São também abordados alguns propósitos da unidade como glorificar a Deus, proclamar o Evangelho, crescimento e maturidade da igreja e o fortalecimento e avivamento da Igreja.

A pesquisa também vai tratar de princípios básicos para a unidade, que visam incentivar o seu cultivo e zelo por parte dos cristãos. Esses princípios serão desenvolvidos trazendo propostas de como a unidade funciona na prática. Trata-se de uma projeção crescente: começa com os princípios para unidade na vida do cristão, na família cristã, na igreja local e igreja universal. O objetivo central da pesquisa é apontar para a relevância desse assunto e fornecer um material prático e consistente que contribua no conhecimento e esclarecimento desse pedido de Jesus em prol da sua igreja, visto que a cada dia aumenta a necessidade de se atentar, diligentemente, para esse quesito tão importante, a Unidade.

## I – DEFINIÇÕES SOBRE A IGREJA

“A igreja é a comunidade de todos os cristãos de todos os tempos, pois é feita de todos os verdadeiramente salvos”. Wayne Grudem

### 1.1 Conceito de Igreja

Para conceituar a palavra “*igreja*”, é importante conhecer um pouco sobre o termo original grego *ekklésia*. Severa explica que *ekklésia* é a palavra grega que se traduz por *igreja*.<sup>1</sup> Já Falcão Sobrinho apresenta mais detalhadamente a composição desta palavra. Ele mostra que *ekklésia* é composta de duas outras palavras: *ek* e *kalléo*. A preposição *ek*, que rege o genitivo e tem a ideia de “saída, emissão para fora, separação de” com o verbo *kalléo*, “chamar, convocar em alta voz”.<sup>2</sup>

A palavra *ekklésia*, pelo que consta, foi utilizada e chegou a sua máxima importância no século V a.C., na época de Eurípedes e Heródoto. Ela designava a assembleia popular dos cidadãos efetivos e competentes da *polis*, ou cidade-estado grega. Eles se reuniam em intervalos regulares (em Atenas cerca de 30 a 40 vezes por ano, e menos frequentemente nas localidades) e também em casos de urgência, como *ekklésia* extraordinária. Todo cidadão tinha o direito de falar e propor assuntos para debate, se houvesse uma opinião perita quanto ao assunto. Assim, entende-se que *ekklésia*, antes da tradução da LXX (Septuaginta) e da época do NT, caracterizava claramente um fenômeno político; era a assembleia de cidadãos plenos, enraizada, do ponto de vista funcional, na democracia grega, na qual se tomava decisões fundamentais, políticas e judiciais.<sup>3</sup>

No Antigo Testamento, duas palavras hebraicas são traduzidas pelo termo grego *ekklésia* na LXX: *edhah* e *gahal*. *Edhah* vem de uma raiz que significa “nomear” e, frequentemente, é traduzida por “congregação” nas versões modernas, indicando um grupo ou companhia que se reuniu em virtude de algum arranjo de nomeação. No sentido religioso restrito, foi Yahweh quem convocou, e foi Israel quem se reuniu. *Gahal* vem de uma raiz cujo sentido básico é “chamar”, era traduzida por “assembleia”. Seu uso era muito geral, pois toda forma de chamamento podia ser expresso por ela.<sup>4</sup> Essa palavra descrevia assembleias de um tipo

---

<sup>1</sup> SEVERA, Z. A. Manual de teologia sistemática, p. 354.

<sup>2</sup> FALCÃO SOBRINHO, J. A túnica inconsútil, p. 15.

<sup>3</sup> COENEN, L. Igreja. In: BROWN, C. (edit.). O novo dicionário internacional de teologia do Novo Testamento, V. 2, p. 393 e 394.

<sup>4</sup> CHAMPLIN, R. N. Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia, V. 3, p. 216.

especificamente menos religioso ou não religioso - a assembleia de um exército em preparação para a guerra (I Sm 17.47; II Cr 28.14), ou a reunião de um bando indisciplinado e perigoso (Sl 26.5).<sup>5</sup> É bom esclarecer que na Septuaginta *gahal* só se traduz por *ekklésia* quando se trata da Congregação da Aliança, com o propósito religioso definitivo.<sup>6</sup>

Já nas porções posteriores do Antigo Testamento, *edhah* foi traduzida por *synagoge* (sinagoga), enquanto *gahal* foi traduzida por *ekklésia* (igreja). No caso de assembleia religiosa, a palavra padrão passou a ser *Sinagoga*, e é bem possível que os primeiros cristãos tenham escolhido a palavra *ekklésia* como o nome da assembleia cristã, para evitar a palavra judaica *Sinagoga*.<sup>7</sup> Isto porque, com o decorrer do tempo, *Sinagoga*, de um termo técnico para a assembleia judaica, passou a ser “símbolo da religião judaica, que consistia na Lei e na tradição”. Então, para os cristãos, essa palavra tinha conotações pesadas para descrever uma comunhão e um evento que tinham no seu centro a proclamação do Evangelho da libertação da Lei e a proclamação da salvação, que só é possível mediante a fé em Cristo Jesus.<sup>8</sup>

No Novo Testamento, a palavra *ekklésia* é usada 115 vezes, pelo menos 92 vezes se refere a uma congregação local.<sup>9</sup> Jesus foi o primeiro a utilizar o termo no NT (Mt 16.18), empregando-o ao grupo que estava reunido à Sua volta, e que publicamente o reconheceu como seu Senhor, aceitando os princípios do Reino de Deus.<sup>10</sup> Bergstén acrescenta que nessas 115 vezes, *ekklésia* aparece com três significações distintas, mas sempre tratando de algo que é “chamado para fora”. É usada: **a)** Três vezes para expressar uma assembleia de comunidade grega, tanto legal (At 19.39) como ilegal (At 19.32,40), ou seja, uma assembleia civil comum; **b)** Duas vezes designa o Israel de Deus no AT (At 7.38; Hb 2.12), dando a entender a forma como Deus chamou Israel para ser Seu povo (Dt 7.6-8); e **c)** Cento e dez vezes designando a igreja do Deus vivo e revelando grandes e importantes verdades a respeito dessa organização, como um povo “chamado para fora”.<sup>11</sup>

<sup>5</sup> O'BRIEN, P. T. Igreja. In: HAWTHORNER, G. F.; MARTIN, R. P. ; REID, D. G. (org.) Dicionário de Paulo e suas cartas, p. 655.

<sup>6</sup> FALCÃO SOBRINHO, J. A túnica inconsútil, p. 16.

<sup>7</sup> CHAMPLIN, R. N. Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia, V. 3, p. 212 e 217.

<sup>8</sup> COENEN, L. Igreja. In: BROWN, C. (edit.) O novo dicionário internacional de teologia do Novo Testamento, V. 2, p. 399.

<sup>9</sup> YOUNGBLOOD, R. F. (edit.). Dicionário ilustrado da Bíblia, p. 681.

<sup>10</sup> SEVERA, Z. A. Manual de teologia sistemática, p. 354.

<sup>11</sup> BERGSTÉN, E. Introdução à teologia sistemática, p. 252 e 253.

Basicamente, *ekklesia* significa “os chamados para fora”, dando a entender um grupo distinto, selecionado e tirado para fora de algo.<sup>12</sup> No NT seu uso é muito importante, pois *ekklesia* é o termo que significa “congregação”, “igreja”, “reunião” ou “assembleia”, e faz parte do ensinamento, principalmente paulino, a respeito do povo de Deus.<sup>13</sup> Hoje, num sentido mais comum, **Igreja** pode significar: um edifício, templo ou lugar onde os cristãos se reúnem para cultivar, uma denominação específica (Igreja Batista), uma organização ou grupo missionário que realiza a Obra pode ser chamado de igreja (mesmo não sendo uma igreja organizada, representa uma igreja local ou uma denominação), os cultos religiosos – como a expressão “fui à igreja”, entende-se por ocupar-se da adoração na igreja, etc.<sup>14</sup>

É especialmente importante afirmar que a **Igreja** pertence Àquele que lhe deu existência, isto é, Deus, ou Àquele por intermédio de quem isso aconteceu, Jesus Cristo (Rm 16.16; I Co 1.1; 10.32; 11.22; II Co 1.1).<sup>15</sup> Para Bergstén, *ekklesia* (Igreja) não é apenas uma associação humana e nem um clube religioso, mas é o alvo do grande amor de Cristo Jesus, pois a Escritura diz: “...Cristo amou a **Igreja** e entregou-se por ela...” (Ef 5.25b; Mt 13.45,46). Segundo ele, três são os aspectos da origem da **Igreja**. Primeiramente, ela teve sua origem em Deus desde a eternidade. Deus, na Sua presciência, previu a queda do homem e concebeu um plano para salvá-lo. O plano foi a salvação através do sacrifício do Seu Filho, Jesus Cristo (Ef 1.4,5; I Pe 1.19,20). Este aceitou o plano, e é por isso que a Bíblia diz do “...Cordeiro que foi morto desde a criação do mundo” (Ap 13.8b). Jesus veio e iniciou sua missão pregando o Evangelho, ao passo que os que se convertiam O seguiam, surgindo o início da **Igreja**, o embrião. Mas, somente quando o Espírito Santo foi derramado sobre os discípulos e eles foram batizados com poder (At 1.5), é que a **Igreja** foi estabelecida em autoridade e na forma como Deus havia determinado.<sup>16</sup>

Reforçando o pensamento acima, é bem provável que, embora Jesus tivesse convocado os Doze Apóstolos, não fundou a *ekklesia* propriamente dita durante Sua vida na Terra, nem mesmo através da instituição da Ceia do Senhor.<sup>17</sup> Fato é que, em sua maioria, os estudiosos acreditam que as evidências bíblicas são favoráveis de que a inauguração da **Igreja** se deu no

<sup>12</sup> CHAMPLIN, R. N. Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia, V. 3, p. 212.

<sup>13</sup> O'BRIEN, P. T. Igreja. In: HAWTHORNER, G. F.; MARTIN, R. P. ; REID, D. G. (org.) Dicionário de Paulo e suas cartas, p. 654.

<sup>14</sup> CHAMPLIN, R. N. Op. Cit., p. 216.

<sup>15</sup> O'BRIEN, P. T. Op. Cit., p. 656.

<sup>16</sup> BERGSTÉN, E. Introdução à teologia sistemática, p. 247 e 248.

<sup>17</sup> COENEN, L. Igreja. In: BROWN, C. (edit.). O novo dicionário internacional de teologia do Novo Testamento, V. 2, p. 400.

dia de Pentecostes (At 2). O uso da palavra *ekklésia* feito por Jesus pela primeira vez, em Mt 16.18, indica que Jesus falava de algo que iniciaria no futuro (“*oikodomêso* = edificarei” é um verbo no futuro simples, não uma expressão de disposição ou determinação). A inauguração da **Igreja** dependia totalmente da obra de Cristo na Terra (Sua morte, ressurreição e ascensão) e da vinda do Espírito Santo.<sup>18</sup>

A *ekklésia* do NT pode ser conceituada da seguinte forma: uma comunidade fraternal, uma irmandade espiritual, uma realidade social com um estilo de vida simples, destituída de formalidades, com uma mensagem de transformação interior pelo poder do Espírito Santo com uma viva esperança de sua consumação escatológica no Reino. Também, pode-se dizer que a **Igreja** é um organismo vivo, regido por princípios imutáveis, em constante movimento através da história, pois os princípios que dão alicerce à teologia da Igreja são imutáveis. Sua prática deve acompanhar a evolução cultural da sociedade, da qual a própria **Igreja** é parte, agente e impulsionadora.<sup>19</sup> Baseado no conceito de Lutero e de Calvino, Berkhof afirma que a igreja era simplesmente a comunidade dos santos, ou seja, a comunidade dos que creem e são santificados por Cristo e que estão ligados a Ele.<sup>20</sup>

De forma bem direta e simples, a **Igreja** é um grupo de pessoas comprometidas com Jesus Cristo, que vivem para conhecer, amar e obedecer ao Senhor, e levar outros a terem essa mesma relação. Em Mt 16.13-20 podem ser selecionados alguns itens que Jesus disse sobre a **Igreja**: **a)** A Igreja é Sua (isso deve ser declarado pelos cristãos); **b)** Ele a edifica (é trabalho Dele, não dos homens; estes são instrumentos através dos quais Ele fará isso); **c)** Revelação do Espírito Santo (não são ideias ou opiniões dos homens, mas a convicção de que o Espírito de Deus é que age, fazendo-a funcionar e ser poderosa. É por isso que a Igreja existe); **d)** Ela possui a doutrina certa (baseada e firmada em Cristo); e **e)** Ela tem autoridade e poder outorgada pelo próprio Cristo para auxiliar na mudança do ser humano e do mundo.<sup>21</sup>

Embora, hoje, a palavra igreja comporte vários significados, o significado essencial do termo **Igreja** no NT é: Aqueles que foram chamados para fora do mundo, do pecado e da vida alienada de Deus, e que, mediante a obra de Cristo na sua redenção, foram reunidos como uma comunidade de fé que compartilha das bênçãos e responsabilidades de servir ao Senhor Jesus. Seja como for, o significado bíblico de **Igreja** refere-se, primariamente, às pessoas

<sup>18</sup> HORTON, S. M. Teologia sistemática – uma perspectiva pentecostal, p. 538 e 539.

<sup>19</sup> FALCÃO SOBRINHO, J. A túnica inconsútil, p. 19 e 20.

<sup>20</sup> BERKHOF, L. Teologia sistemática, p. 518.

<sup>21</sup> RIDDLE, S. D. Aula de plantação e crescimento de igrejas, 19/02/08 – Quarta-Feira.

reconciliadas com Deus mediante a obra salvífica de Cristo e que agora pertencem a Ele, e não às instituições e culturas como atualmente muitos pensam.<sup>22</sup>

É relevante salientar que a **Igreja** não deve ser identificada como o Reino de Deus, ou vice-versa, pois o Reino de Deus compreende o reinado, a soberania, o domínio de Deus em ação e o cumprimento perfeito de Sua vontade em toda a esfera na qual essa soberania é experimentada.<sup>23</sup> Embora haja uma relação próxima entre Reino de Deus e **Igreja**, é importante saber que: **a)** A **Igreja** não é o Reino, mas constitui-se no povo do Reino (Jesus e os discípulos pregaram que o Reino de Deus estava próximo e não que a Igreja estava próxima; eles não anunciaram as boas novas da Igreja, mas as boas novas do Reino - At 8.2; 19.8; 20.25; 28.23,31); **b)** O Reino cria a **Igreja** (a Igreja é o resultado da vinda do Reino de Deus ao mundo por meio do que Cristo fez, e cada pessoa que entra no Reino une-se a uma comunhão humana da igreja); **c)** A **Igreja** testemunha do Reino (a Igreja não edifica e nem se torna o Reino, mas dá testemunho do Reino e para o Reino - Mt 24.14); **d)** A **Igreja** é o instrumento do Reino (ela recebeu poder e autoridade para proclamar e realizar as obras do Reino - Mt 10.8; Lc 10.17); e **e)** A **Igreja** é a guardiã do Reino (o poder espiritual outorgado à Igreja, ou seja, a expressão de Jesus diz que as chaves do Reino foram dadas à Igreja. O reino manifesta-se através dela).<sup>24</sup>

## 1.2 Igreja Universal e Local

Thiessen alega que é importante observar os dois sentidos em que a palavra “**Igreja**” é usada no NT: o sentido universal e o sentido local.<sup>25</sup> Grudem diz que no NT a palavra “**Igreja**” pode ser aplicada a um grupo de cristãos, não importa o tamanho, desde um pequeno que se reúne sempre em uma residência até o grupo de todos os cristãos da igreja universal.<sup>26</sup>

### 1.2.1 Igreja Universal

A Igreja Universal corresponde à reunião de todos os crentes de todos os tempos e em todos os lugares do mundo, sendo Cristo o centro, o Senhor Supremo, a cabeça, a pedra angular. Esta união ultrapassa o conceito de denominações evangélicas, que defendem suas crenças ou governos eclesiásticos, pois se trata da união mística de Cristo com a Igreja através do

<sup>22</sup> HORTON, S. M. Teologia sistemática – uma perspectiva pentecostal, p. 537 e 538.

<sup>23</sup> SEVERA, Z. A. Manual de teologia sistemática, p. 366 e 367.

<sup>24</sup> GRUDEM, W. Teologia sistemática – atual e exaustiva, p. 124 e 723.

<sup>25</sup> THIESSEN, H. C. Palestras em teologia sistemática, p. 291.

<sup>26</sup> GRUDEM, W. *Op. Cit.*, p. 718.

Espírito Santo, e não devido a alguma organização (Mt 16.18; Jo 10.16; At 9.31; I Co 6.4; Ef 1.22,23; 3.10,21; 5.23-32; Cl 1.18,24; Hb 12.22-24; I Pe 2.4-8).<sup>27</sup> Esta **Igreja** jamais será destruída e existem vários fatores que comprovam sua existência: **a)** Cristo afirmou que edificaria Sua Igreja, e não igrejas (Mt 16.18); **b)** Cristo amou a Igreja e se entregou por Ela (Ef 5.25); **c)** Ele a está purificando e santificando (Ef 5.26,27). Resumindo, a Igreja Universal é a Igreja como Deus a vê.<sup>28</sup> Bergstén acrescenta que é possível alguém não pertencer à Igreja Universal, mesmo fazendo parte de uma igreja local.<sup>29</sup>

Em suma, a Igreja Universal é a Igreja Invisível aos olhos humanos, o Corpo de Cristo, uma realidade espiritual e mística. Compreende o conjunto dos verdadeiros crentes do passado, presente e futuro. Fazem parte dela somente aqueles que pertencem a Cristo e que abertamente o reconhecem como Salvador e Senhor, independente do lugar em que se encontrem (Ef 1.23; 2.16; 4.4,12,16; Cl 1.18,24; 2.17,19; 3.15).<sup>30</sup>

### 1.2.2 Igreja Local

A Igreja Local, ou Congregação Local, compreende a totalidade dos crentes que vivem em um determinado lugar e se reúnem em um determinado local.<sup>31</sup> Há textos bíblicos que comprovam esse sentido local; lê-se acerca da Igreja em Jerusalém (At 8.1; 11.22), Antioquia (At 13.1), Éfeso (At 20.17), Cencreia (Rm 16.1), Corinto (I Co 1.2; II Co 1.1); da igreja dos Laodicenses (Cl 4.16) e Tessalonicenses (I Ts 1.1,2; II Ts 1.1); e das Igrejas da Galácia (Gl 1.2), da Judeia (I Ts 2.14) e da Ásia (Ap 1.4).<sup>32</sup>

Bergstén define a Igreja Local como o agrupamento daqueles que foram regenerados, que foram batizados, e que, com o propósito de obedecer à Palavra de Deus, se reúnem em um organismo espiritual para, sob a direção de um ministro de Deus, servir ao Senhor.<sup>33</sup> Simplificando, a Igreja Local é o conjunto visível, concreto e palpável daqueles que professam a fé cristã e se reúnem em comunidades (Rm 12.4,5; I Co 10.17; 12.12-27; Ef 3.6;

<sup>27</sup> CHAMPLIN, R. N. *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia*, V. 3, p. 212.

<sup>28</sup> GRUDEM, W. *Teologia sistemática – atual e exaustiva*, p. 716-718.

<sup>29</sup> BERGSTÉN, E. *Introdução à teologia sistemática*, p. 251.

<sup>30</sup> MATOS, A. S. *A caminhada cristã na história – a Bíblia, a Igreja e a sociedade ontem e hoje*, p.18.

<sup>31</sup> CHAMPLIN, R. N. *Op. Cit.*, V. 3, p. 212.

<sup>32</sup> THIESSEN, H. C. *Palestras em teologia sistemática*, p. 292.

<sup>33</sup> BERGSTÉN, E. *Op. Cit.*, p. 251.

5.30).<sup>34</sup> Severa a define como um grupo de pessoas crentes e batizadas em Cristo, organizadas para fins de *adoração, edificação, evangelização e serviço*.<sup>35</sup>

A Igreja Local nem sempre tem cumprido seu papel de manifestação da Igreja ideal (Mt 7.15,16; At 20.29,30; Rm 2.24; II Tm 2.17-19; 4.10). Tanto que Jesus previu este afastamento das condições ideais e o retratou nas parábolas do Reino dos Céus (especialmente Mt 13).<sup>36</sup>

Segundo Grudem, a Igreja Local é a igreja como os cristãos a veem na Terra, o que acarreta a seguinte concepção: assim como na igreja primitiva nem todos eram crentes de fato, é possível dizer que hoje nas Igrejas Locais não é diferente. É certo que Paulo sabia que havia descrentes nas igrejas às quais ele escreve (I Co 1.2; I Ts 1.1; Fm 1 e 2, etc.). Atualmente, não é diferente, pois provavelmente existam nas igrejas locais alguns descrentes, mas isso quem pode saber e dizer é Deus, porque somente Ele vê o coração.<sup>37</sup> Mesmo nas melhores das intenções, a igreja local muitas vezes vai ficar aquém do caráter e natureza da Igreja Universal verdadeira. Embora aquela deva ser uma versão menor desta, é perceptível que isso nem sempre acontece.<sup>38</sup>

### 1.3 Figuras Bíblicas da Igreja e Sua Conotação Com a Unidade

O NT usa diversas figuras para caracterizar a Igreja, porém, mesmo que distintas entre si, elas traduzem, descrevem ou compreendem a unidade de todos os “nascidos de novo”.<sup>39</sup> Analisando o que Grudem escreve sobre as várias metáforas referentes à Igreja, percebe-se que cada uma delas descreve aquilo que é realizado em conjunto. Referem-se sempre a um número maior unido ou vários indivíduos reunidos em nome de Cristo com e para uma finalidade, um propósito.<sup>40</sup> Segundo Horton, essas figuras ilustram de diferentes maneiras a identidade e o propósito da Igreja, que Jesus expressa de maneira tão bela em Sua oração intercessória (Jo 17.21,23).<sup>41</sup> Segue-se uma descrição das principais figuras:

<sup>34</sup> MATOS, A. S. A caminhada cristã na história – a Bíblia, a Igreja e a sociedade ontem e hoje, p. 18.

<sup>35</sup> SEVERA, Z. A. Manual de teologia sistemática, p. 360.

<sup>36</sup> THIESSEN, H. C. Palestras em teologia sistemática, p. 292.

<sup>37</sup> GRUDEM, W. Teologia sistemática – atual e exaustiva, p. 717.

<sup>38</sup> HORTON, S. M. Teologia sistemática – uma perspectiva pentecostal, p.549 e 550.

<sup>39</sup> GILBERT, A. A Igreja ou Assembléia de Deus, p. 10.

<sup>40</sup> GRUDEM, W. *Op. Cit.*, p.719 e 720.

<sup>41</sup> HORTON, S. M. *Op. Cit.*, p. 548.

### 1.3.1 Povo de Deus

Shelley diz que o conceito – O Povo de Deus – quando se refere à Igreja, só se compreende quando analisados os tratos de Deus com o povo de Israel no AT. Há três idéias básicas em torno do conceito, “povo de Deus” (Israel), que ensinam muito sobre a Igreja como o “Povo de Deus”: **a)** Um povo chamado (Israel não escolheu seguir a Deus, mas foi Deus quem escolheu chamá-lo [Êx 19.4-6]. Assim, o propósito de Deus mediante a morte e ressurreição de Jesus é chamar do mundo um povo para Si, remi-lo do pecado e conceder-lhe a salvação prometida); **b)** Um Povo da Aliança (assim como a Velha Aliança, criada pelo Êxodo e pelo Sinai, sustentou Israel, a nova e superior Aliança, estabelecida por Deus, em Cristo, sustenta a Igreja [Hb 8.6]); e **c)** Um Povo Escolhido (da mesma maneira como Israel foi escolhido por Deus [Ex 19.6], a Igreja é um corpo “eleito ou escolhido”, não no sentido arbitrário de uns serem escolhidos para salvação e outros para condenação eterna. É que o NT chama o povo de Deus de “eleitos”, em Cristo, porque Deus escolheu a Igreja para realizar a Sua Obra, ou seja, passar adiante o que também recebeu por meio da pregação do Evangelho [I Pe 2.9,10]).<sup>42</sup>

Horton acrescenta que mais de cem vezes a Igreja ou o Povo de Deus é chamado de os “santos” (*gr. Hagioi*). O que não designa pessoas de condição espiritual superior, de comportamento perfeito; pelo contrário, ressalta que a Igreja tem sua origem em Deus, e que, por Sua iniciativa, os crentes são chamados para serem santos. “Santificados em Cristo” compreende os que são beneficiados pela obra expiadora de Cristo, isto é, santificados Nele (I Co 1.2).<sup>43</sup>

Concluindo, Severa diz que a partir de Cristo a Igreja é o novo povo de Deus, o novo Israel (Gl 6.16; I Pe 2.9; Tt 2.14; Ap 21.30), a comunidade viva daqueles que responderam ao chamado divino, participante de um melhor pacto (Aliança), firmado sobre as melhores promessas (Hb 8.6,10-12) e herdeira do Reino eterno (Ap 21.1ss). É este Povo de Deus, que tem o dever de ser fiel a Ele, deve amá-Lo de forma exclusiva, tendo a santidade como sua marca identificadora ou seu distintivo.<sup>44</sup>

<sup>42</sup> SHELLEY, B. L. *A Igreja: o Povo de Deus*, p.19-29.

<sup>43</sup> HORTON, S. M. *Teologia sistemática – uma perspectiva pentecostal*, p. 543.

<sup>44</sup> SEVERA, Z. A. *Manual de teologia sistemática*, p. 355-357.

### 1.3.2 Família de Deus

Do ponto de vista de Paulo, a Igreja é vista como uma *família*. Ao orientar sobre como Timóteo deveria agir com os membros da igreja, Paulo usa diversas comparações tiradas da mesma (I Tm 5.1-12), pois vê como se todos os cristãos fossem parte e membros de uma grande família. Também vê Deus como o Pai celestial (Ef 3.14), os cristãos como filhos e filhas (II Co 6.18), portanto, irmãos e irmãs uns dos outros na família de Deus (Mt 12.49,50; I Jo 3.14-18).<sup>45</sup>

Duffield e Cleave mencionam alguns privilégios e responsabilidades da Família de Deus: **a)** Assim como boas famílias observam certos padrões de conduta, a família de Deus também deve observar as normas de comportamento exigidas por seu Pai (Ef 5.1-21); **b)** Assim como os filhos recebem herança dos pais, a Igreja aguarda a herança prometida pelo seu Pai celestial (Rm 8.17). A Igreja, ou melhor, cada filho de Deus tem o grande privilégio de chamar Deus de “Pai”.<sup>46</sup>

Champlin acrescenta que ser filho de Deus significa: **a)** Buscar Sua perfeição (Mt 5.48), pois os membros da família divina têm muitas e grandes responsabilidades morais e espirituais; **b)** Contar com Seus cuidados (Mt 10.31), pois Deus tem consciência das necessidades dos Seus filhos (Mt 6.8); e **c)** Ser disciplinado por Ele (Hb 12.5ss), pois os filhos cometem erros e estão sujeitos à disciplina do Senhor. Esta disciplina tem a finalidade de beneficiar e não meramente castigar os filhos de Deus.<sup>47</sup>

### 1.3.3 Edifício de Cristo

Essa metáfora que compara a Igreja a um edifício é sugerida nas seguintes passagens bíblicas: Mt 16.18; 21.42; Lc 6.46-49; At 4.11; Rm 15.20; I Co 3.9-15; Ef 2.20-22; e I Pe 2.4-7. Cristo é o fundamento da Igreja (I Co 3.11). Os cristãos são os materiais de construção ou “pedras vivas”.<sup>48</sup>

A palavra grega traduzida por “construção”, “casa” ou “edifício”, é *oikodome*. Em Efésios 2.21,22, lê-se que “o edifício inteiro cresce contínua e conjuntamente para ser templo santo”. É importante observar o termo grego *sunarmologumene*, “bem ajustado”, que aparece na voz

<sup>45</sup> GRUDEM, W. *Teologia sistemática – atual e exaustiva*, p. 718 e 719.

<sup>46</sup> DUFFIELD, P. G.; CLEAVE, N. M. V. *Fundamentos da teologia pentecostal*, V. 2, p. 261.

<sup>47</sup> CHAMPLIN, R. N. *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia*, V. 2, p. 682

<sup>48</sup> DUFFIELD, P. G.; CLEAVE, N. M. V. *Op. Cit.*, p. 267.

passiva, expressando que a Igreja não se edifica e não se constrói a si mesma, mas é edificada. A preposição *sun*, que compõe o verbo, também traz implícita a ideia de simultaneidade do crescimento de todo o edifício, e a raiz de *sunarmologumene* significa *ajustar, encaixar com precisão cada peça em seu lugar*. Assim como as paredes de uma casa são erguidas conjuntamente sobre o fundamento, e cada tijolo segura os outros e pelos outros se firma através da liga de cimento e areia, também na Igreja os membros encontram-se num processo de desenvolvimento individual e coletivo ao mesmo tempo, e estão unidos e ligados através de Cristo.<sup>49</sup>

### 1.3.4 Templo do Espírito Santo

Segundo Horton, a Igreja é habitada pelo Espírito Santo, tanto no aspecto individual como no coletivo. Utilizando as menções de Paulo aos crentes de Corinto, fica bem fácil entender os dois aspectos (I Co 3.16,17; 6.19 II Co 6.16; Ef 2.22). O interessante é que nas passagens de I e II Coríntios, a palavra empregada por Paulo com o sentido de “templo” é *Naós*, o “santuário interior”, o “Santo dos Santos”, e não *Hieron*, que retrata o templo inteiro, toda uma construção. Isto significa que Paulo, ao chamar os crentes de templo do Espírito Santo, com efeito, está dizendo que eles são a habitação de Deus.<sup>50</sup>

Severa acrescenta que esta figura, templo do Espírito Santo, destaca o caráter essencialmente espiritual da Igreja, ou seja, ela é uma criação e o lugar de habitação do Espírito Santo. Habitando na Igreja, o Espírito Santo partilha sua vida e poder com os membros do corpo.<sup>51</sup> Assim como é o Espírito Santo que rega, dá vida e une os membros no corpo físico, é Ele quem produz ou faz com que a Igreja alcance a unidade, tornando-a eficaz em suas finalidades.<sup>52</sup> E é por meio do mesmo Espírito que Cristo está presente no crente e consecutivamente na Igreja. Essa participação comum no Espírito Santo faz com que o grupo de diversos indivíduos seja um (Jo 14.15-20).<sup>53</sup>

### 1.3.5 Corpo de Cristo

Thiessen descreve que essa figura, Corpo de Cristo, é usada para mostrar que a igreja é um organismo, que tem ligação vital com Cristo e está sob a direção, supervisão e cuidados Dele.

<sup>49</sup> FALCÃO SOBRINHO, J. *A túnica inconsútil*, p. 17 e 18.

<sup>50</sup> HORTON, S. M. *Teologia sistemática – uma perspectiva pentecostal*, p.547 e 548.

<sup>51</sup> SEVERA, Z. A. *Manual de teologia sistemática*, p.358 e 359.

<sup>52</sup> BERGSTÉN, E. *Introdução à teologia sistemática*, p. 300.

<sup>53</sup> WILLIAMS, D. *Dicionário bíblico Vida Nova*, p. 118.

Embora composto por indivíduos distintos, o Corpo de Cristo é uma unidade formada por diversos membros com diversidade de dons que idealmente cooperam no desempenho de uma tarefa comum.<sup>54</sup>

Shelley diz que essa é a única metáfora sem qualquer base no AT, e Paulo faz uso dela em Romanos, I Coríntios, Efésios e Colossenses. Ele sintetiza o significado do Corpo de Cristo assim: “o organismo que se acha unido a Cristo”. O Corpo não é simplesmente uma coleção de indivíduos, mas um organismo espiritual. O termo inclui todos os que se encontram em Cristo, os crentes ou membros que, mediante a regeneração, unidos formam o Corpo que tem, por Cabeça, Cristo (Ef 1.22,23). A igreja pertence a Cristo, pois Ele comprou-a com seu sangue (At 20.28), e este é o significado básico de Paulo para o corpo de Cristo: a união de Cristo com seu povo e sua unidade uns com os outros.<sup>55</sup>

Horton cita que Paulo faz uso dessa figura especialmente para retratar e enfatizar a verdadeira união, que é essencial na Igreja.<sup>56</sup> Getz diz que nenhuma figura de linguagem é tão expressiva quanto a palavra *soma* ou “corpo”. Sempre que se refere à Igreja, é usada para descrever “muitos membros”, ainda que “um só corpo”. Isso significa, primeiramente, que cada membro do Corpo de Cristo é importante.<sup>57</sup> A figura “o Corpo de Cristo” não só indica que há uma íntima e estreita relação, mas uma unidade vital, assegurada por um mesmo Espírito, que liga a cabeça ao corpo (Ef 4.4). Assim, os que formam parte do corpo têm a vida de Deus e do próprio Jesus.<sup>58</sup>

#### **1.4 A Missão da Igreja e Sua Conotação Com a Unidade**

Bergstén relata que somente pela operação do Espírito Santo a igreja pode cumprir o plano de Deus, pois o Espírito Santo é a força impulsionadora e sem Ele a Igreja nunca poderá cumprir a sua missão.<sup>59</sup> Severa descreve quatro aspectos através dos quais a Igreja desenvolve sua função no mundo: Adoração, Evangelização, Edificação e Serviço.<sup>60</sup>

<sup>54</sup> THIESSEN, H. C. Palestras em teologia sistemática, p. 292.

<sup>55</sup> SHELLEY, B. L. A Igreja: o Povo de Deus, p. 37.

<sup>56</sup> HORTON, S. M. Teologia sistemática – uma perspectiva pentecostal, p. 544.

<sup>57</sup> GETZ, G. A. Igreja – forma e essência, p. 173 e 174.

<sup>58</sup> GIBERT, A. Igreja ou Assembléia de Deus, p. 11.

<sup>59</sup> BERGSTÉN, E. Introdução à teologia sistemática, p. 312 e 313.

<sup>60</sup> SEVERA, Z. A. Manual de teologia sistemática, p.402.

### 1.4.1 Adoração

No relacionamento com Deus, o propósito da Igreja é adorá-lo. Quando ela adora, está cumprindo em si mesma o seu principal propósito em relação ao Senhor.<sup>61</sup> A adoração regular era uma prática constante e fundamental da igreja primitiva (At 2.46,47; 3.1; 16.25), e Paulo ordena e recomenda essa prática (I Co 16.2). Ainda que a adoração possa ser feita individualmente, não substitui ou serve de evasão para que o indivíduo deixe de adorar com a assembleia ou igreja (Hb 10.25).<sup>62</sup>

A adoração concentra-se em Deus, os cristãos contam com a presença de Cristo na adoração (Mt 18.20; 28.20) e o Espírito Santo habilita o crente à adoração: santifica, inspirando oração e louvor (Rm 8.26,27), conduz à verdade (I Co 2.10-13) e convence os incrédulos (Jo 16.8). Não obstante, a adoração beneficia os adoradores, pois Paulo ensina que o culto realizado com ordem e decência faz com que todos sejam edificados (I Co 14.15-17).<sup>63</sup> “A verdadeira adoração transcende a capacidade individual dos crentes, pois sem unidade, não há adoração”.<sup>64</sup>

### 1.4.2 Evangelização

O chamado para a evangelização é uma ordem (Mt 28.19). Não se tratava de uma questão opcional para os discípulos, pois, tendo aceitado Jesus como Senhor, haviam se colocado sob seu governo (Mt 28.19; Jo 14.15; At 1.8). Eles também contaram com a presença constante de Jesus (Mt 28.20), e receberam a autoridade e poder outorgados por Ele por meio da vinda do Espírito Santo (At 1.8). A amplitude da comissão também foi clara: a “todas as nações”, isto é, sem restrições geográficas. O dever dos discípulos era levar o evangelho a todos os lugares, nações e tipos de pessoas. Cumprir essa tarefa sozinhos não era possível. Assim, os que se convertiam, por sua vez, evangelizariam outros. Isto compreende que a tarefa de evangelização não pertence a um e outro membro, ou pastor, mas à igreja. Deus pretende que ela funcione unida nessa missão que tanto alegra Seu coração.<sup>65</sup>

---

<sup>61</sup> GRUDEM, W. *Teologia sistemática – atual e exaustiva*, p. 726.

<sup>62</sup> ERICKSON, M. J. *Introdução à teologia sistemática*, p. 448.

<sup>63</sup> SEVERA, Z. A. *Manual de teologia sistemática*, p. 402 e 403.

<sup>64</sup> FALCÃO SOBRINHO, J. *A túnica inconsútil*, p. 141.

<sup>65</sup> ERICKSON, M. J. *Op. Cit.*, p. 446 e 447.

Fazer a obra evangelística pregando o Evangelho é o principal ministério da igreja em relação ao mundo.<sup>66</sup> Trata-se de uma obra espiritual para a qual a igreja é o instrumento que, para ser relevante no meio em que está inserida, precisa estar vivendo na presença e no poder do Senhor (Ap 3.8,9). A igreja demonstra sua fidelidade a Cristo esforçando-se para levar as Boas Novas aos que ainda vivem sem a certeza da vida eterna, que está somente em Cristo.<sup>67</sup>

### 1.4.3 Edificação

A própria Palavra de Deus não deixa dúvidas quanto à obrigação da Igreja em nutrir os seus e edificá-los à maturidade na fé. A igreja precisa estar ciente de que seu alvo não é apenas levar pessoas à fé salvífica, mas também apresentar a Deus todo cristão “perfeito (maduro) em Cristo (Cl 1.28). O ensinamento de Paulo é este: Deus concedeu para a igreja pessoas com dons “com vista ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, *para edificação do corpo de Cristo*, até que todos cheguem à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo” (Ef 4.12,13).<sup>68</sup> A esse respeito, Severa diz que a Igreja tem um ministério a cumprir em relação a si mesma: a edificação dos seus próprios membros (Ef 4.11-13). A meta é atingir o padrão de Cristo, o que requer não só a colaboração dos líderes instituídos por Cristo, mas a participação efetiva de todos os membros, e cada um fazendo uso dos seus dons (I Co 14.12; Ef 4.16), suas palavras (Ef 4.29), e cuidando uns dos outros (I Co 12.25,26; Gl 6.2; I Ts 5.14).<sup>69</sup>

Erickson afirma que os dons visam essencialmente à edificação do corpo como um todo, e não à satisfação pessoal (I Co 14.4,5,12,16,17 e 26). Esta última referência diz: “Seja tudo feito para edificação”. Percebe-se que a essência é a edificação mútua, todos os membros, cada um realizando sua tarefa com esse propósito. Há vários meios para que os membros da igreja sejam edificados. Pode ser através da Comunhão (*Koinonia*) e do *Ensino*.<sup>70</sup> O ensino tem um efeito edificador e esse propósito é vital para a igreja (Ef 4.11). Esta deve seguir o exemplo e a ordem do seu mestre supremo, Cristo, e ensinar (Mt 28.20). Negligenciar o ensino cristão é contentar-se com uma igreja infantil ou imatura, carnal, faminta espiritualmente e por isso infeliz, com disputas e divisões.<sup>71</sup>

<sup>66</sup> GRUDEM, W. *Teologia sistemática – atual e exaustiva*, p. 727.

<sup>67</sup> SEVERA, Z. A. *Manual de teologia sistemática*, p. 404.

<sup>68</sup> GRUDEM, W. *Op. Cit.*, p. 727.

<sup>69</sup> SEVERA, Z. A. *Op. Cit.*, p. 404.

<sup>70</sup> ERICKSON, M. J. *Introdução à teologia sistemática*, p. 447.

<sup>71</sup> CHAMPLIN, R. N. *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia*, V. 2, p. 390.

A comunhão indica participar com algo (At 2.44; 4.32; Rm 15.26; II Co 9.13; Fp 1.5) e partilhar (At 2.42; Gl 2.9; I Jo 1.3ss).<sup>72</sup> A comunhão cristã também está ligada à adoração, tem como base a participação comum na vida de Deus (I Jo 1.3,7), visa a perseverança na doutrina (At 2.42) e a disciplina (I Co 5.4,5; II Ts 3.14), manifesta o amor abnegado aos irmãos (I Co 13; I Jo 3.16), é um sinal marcante da nova comunidade ((Jo 13.34,35), implica em socorrer os que estão em necessidades (Rm 15.25,26; II Co 8.1-4; 9.1,2), envolve a prática da hospitalidade (Hb 13.2; I Pe 4.9), o levar as cargas uns dos outros (Gl 6.2), o encorajamento mútuo (Hb 10.25) e as orações uns pelos outros (Ef 6.18; Fl 1.19; II Ts 3.1,2).<sup>73</sup>

#### 1.4.4 Serviço

Jesus novamente é o exemplo para a Igreja, pois sua preocupação para com o ser humano era integral, e não somente com a salvação da alma (Mt 25.31-46; Lc 10.25-37). A igreja precisa servir aos necessitados, o que demonstrará sua fé (Tg 1.27; 2.15-17).<sup>74</sup> Esta é a função da Igreja no que se refere ao serviço: dar assistência aos irmãos na fé, auxiliando-os em suas dificuldades (At 2.45). Isto deve ser feito através do servir uns aos outros com o dom que cada um recebeu (I Pe 4.10).<sup>75</sup> “Não basta ajudar os pobres, é preciso amá-los como igreja”.<sup>76</sup>

Para Horton, a Igreja é um povo vocacionado e revestido pelo poder do alto (At 1.8), e deve compreender que cada aspecto de sua missão é necessário para torná-la eficaz.<sup>77</sup> Isso compreende que cada membro ou cristão tem sua responsabilidade com o todo, a Igreja, e é claro, com sua missão. O propósito para o qual o Senhor criou a Igreja está diretamente relacionado com sua missão, ou seja, continuar o ministério de Cristo no mundo.<sup>78</sup>

Para que isso ocorra efetiva e incisivamente, alega-se que o crescimento e a utilidade da Igreja no mundo é diretamente proporcional à sua capacidade de mobilizar ou envolver a sua membresia, pois não basta que a igreja tenha um corpo de doutrinas, uma liderança esclarecida e ungida. É preciso que toda a Igreja seja mobilizada, confirmada, capacitada para agir consequentemente no mundo.<sup>79</sup> Como já dizia Strong: “Um carvão em brasa por si

<sup>72</sup> CHAMPLIN, R. N. Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia, V. 1, p. 822.

<sup>73</sup> SEVERA, Z. A. Manual de teologia sistemática, p. 405.

<sup>74</sup> ERICKSON, M. J. Introdução à teologia sistemática, p. 449 e 450.

<sup>75</sup> KUNZ, C. A. Aula de teologia sistemática ministrada em: 19/08/09 – Terça-Feira.

<sup>76</sup> FALCÃO SOBRINHO, J. A túnica inconsútil, p. 141.

<sup>77</sup> HORTON, S. M. Teologia sistemática – uma perspectiva pentecostal, p. 586 e 596.

<sup>78</sup> ERICKSON, M. J. *Op. Cit.*, p. 445.

<sup>79</sup> FALCÃO SOBRINHO, J. *Op. Cit.*, p. 11.

mesmo vai tornar-se cada vez mais mortiço e apagará, mas cem carvões causarão intensidade de chama que se comunicará aos outros”.<sup>80</sup>

A igreja só será eficaz em sua missão ao perceber que essa depende da integração e colaboração de cada um dos seus membros, ou seja, ela precisa estar unida para realizar satisfatoriamente sua missão. A igreja deve estar ciente de sua responsabilidade para com Deus, consigo mesma (entre seus membros) e com o mundo. O cristão precisa entender sua importância no cumprimento da missão da igreja, mas ele só desempenhará bem a sua parte ao reconhecer que depende dos outros e vice-versa. Por isso é tão importante sua permanência junto ao Corpo de Cristo, e este, por sua vez, unido à cabeça, Cristo. Esta unidade é a força e a vida da igreja. Uma igreja que cumpre eficazmente sua missão é aquela que adora a Deus em conjunto, zela pela edificação mútua, que juntamente empenha-se na evangelização e vive unida para realizar seu serviço junto àqueles que necessitam. Essa é a igreja de Cristo, que Ele comprou com Seu sangue e pela qual orou (Jo 17.20-23).

---

<sup>80</sup> STRONG, A. H. Teologia sistemática, V. 2, p. 653.

## II – UNIDADE DA IGREJA E SUA COMPLEXIDADE

*“Quanta responsabilidade repousa sobre a igreja de Jesus! O mundo anseia consciente e inconsciente por uma unidade genuína, por comunhão real”.* Werner de Boor

### 2.1 Conceito de Unidade Espiritual

O NT enfatiza muito sobre a unidade da igreja, e Jesus, de antemão, fala sobre seu alvo: que haja *“um rebanho e um pastor”* (Jo 10.16).<sup>81</sup> Posteriormente, é em sua oração sacerdotal que, pela primeira vez, se percebe um pedido em favor da unidade da Igreja (Jo 17). Essa unidade não se refere à “unidade da Igreja”, à “união orgânica”, à “cristandade unida”, como se pensa em geral. Mas o que Jesus visa nessa petição é a *Unidade Espiritual* que deve ter *expressão visível*. A primeira resposta a essa petição veio no Dia de Pentecostes, quando, pelo Espírito Santo, os crentes foram “todos batizados em um corpo”. Assim, a unidade da igreja torna-se um fato.<sup>82</sup>

A unidade que Jesus pede à igreja tem como padrão e origem a unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo.<sup>83</sup> Ao falar da “unidade entre Ele e o Pai”, Jesus fala da mística união entre as três pessoas da Trindade. Três pessoas distintas, mas a essência é a mesma, um só Deus. Esse é o caráter essencial da unidade declarado por Cristo, ou seja, a unidade existente entre os cristãos é semelhante à unidade entre o Pai e o Filho. Essa unidade, no sentido em que Jesus a emprega, só é possível mediante operação fundamental do Espírito Santo. É uma unidade essencialmente espiritual, pois é produzida pelo Espírito Santo no ato da regeneração (mudança radical e permanente), revelando-se por meio da aceitação à pessoa e obra de Jesus Cristo. Não haverá unidade real se não houver o “Novo Nascimento”, a nova vida em Cristo (II Co 5.17). “Qualquer unidade que não apresente essas características não é a unidade da qual Jesus trata em Jo 17. 20-23”.<sup>84</sup>

Boor explica que os discípulos de Cristo jamais possuem essa unidade por si mesmos, em sua própria força de comunhão ou em seus laços de afetos pessoais. Mas, somente por estarem ligados à Videira (Deus), eles possuirão a unidade uns com os outros. Somente por estarem ligados a Deus é que eles a possuem de fato.<sup>85</sup>

---

<sup>81</sup> GRUDEM, W. *Teologia sistemática – atual e exaustiva*, p. 736.

<sup>82</sup> ERDMAN, C. R. *O Evangelho de João*, p. 129.

<sup>83</sup> BOOR, W. *Evangelho de João*, V. 2, p. 140.

<sup>84</sup> LLOYD JONES, M. *A base da unidade cristã*, p. 19-21.

<sup>85</sup> BOOR, W. *Op. Cit.*, p. 140.

Para Jones, a passagem de Efésios 4.1-16, sob muitos aspectos se desenvolve paralelamente a Jo 17.20-23. A grande diferença é que ela consiste numa exortação dirigida aos crentes e não numa oração dirigida a Deus. Muitos pensam que o ensino de Efésios 4 é uma exortação a uma comunhão uns com os outros, independente das concepções com relação à fé cristã, pois o que importa é chegar a uma unidade de fé e de crença (Ef 4.3). Será errado pensar que a comunhão vem antes da doutrina? Será que por se trabalhar, evangelizar e orar juntos, ter comunhão uns com os outros, é possível chegar à unidade da fé? É interessante notar que Paulo estabelece primeiro a doutrina para depois falar da unidade. Jamais se deve interpretar que o apóstolo parte da comunhão para a doutrina, pois a doutrina exposta nos capítulos 1-3 de Efésios é a base e o fundamento de tudo que o apóstolo tem a dizer a respeito da unidade. A palavra “pois”, de Efésios 4.1, remonta aos três capítulos anteriores, dando a entender que o tema unidade é algo consequente do que se deu antes. A prática e o comportamento são o resultado da aplicação da doutrina que já foi estabelecida, e é isso que Paulo faz (Ef 4.1).<sup>86</sup>

Segundo Champlin, o propósito de Paulo é claro: não há unidade cristã a não ser que se concorde sobre as seguintes coisas e se participe delas (Ef 4.4-6). Paulo diz que *Há um só: Corpo* – compreende aos que completa e verdadeiramente se entregaram a Cristo, e tem-No como seu cabeça. É o corpo místico de Cristo, que é composto pelos salvos; *Espírito* – se refere ao Espírito Santo, que é a influência unificadora entre os homens que têm a Cristo como seu cabeça. Ele batiza o crente dentro do “corpo único” (I Co 12.13), regenera a todos (Jo 3.3-5) e transforma a todos os remidos segundo a imagem de Cristo (II Co 3.18); *Senhor* – em sentido absoluto, os salvos possuem um só Senhor, que é Cristo, não podendo haver mais de um (Mt 6.24). Sem dúvida, no que concerne à igreja, há somente um Senhor. Tendo os crentes um só Senhor, e mostrando-se Ele ativo em seu senhorio, é mister que se forme entre eles a unidade prática, no seio da igreja local; *Batismo* – este focaliza a “realidade espiritual”, ou seja, a união com Cristo. É o batismo espiritual (identificação com Cristo na morte e vida ressurreta - Rm 6.3-7), que outorga uma autêntica unidade mística com Ele e uns com os outros. Este é o verdadeiro “único batismo”, um dos motivos fundamentais da unidade da igreja; *Deus e Pai* – há apenas “um Pai”, e “uma Família”, o que explica a unidade mística. Deus como Pai é a força divina mais elevada, capaz de produzir a total unidade da igreja em Cristo. Seu poder é que criou essa unidade e a garante, mas seus filhos têm a obrigação de preservar a unidade da família divina dentro de suas igrejas locais.<sup>87</sup>

<sup>86</sup> LLOYD JONES, M. *A base da unidade cristã*, p. 23-25.

<sup>87</sup> CHAMPLIN, R. N. *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia*, V. 6, p. 534 e 535.

Paulo também diz que *há uma só: Esperança* – refere-se à completa salvação, à volta do Senhor para levar sua igreja ao céu. O cristão aguarda essa promessa com grande esperança, pois foi selado com o Espírito Santo, que é a garantia dessa promessa maravilhosa. Essa esperança não está sobre algo incerto, mas tão somente é a expectativa de algo que finalmente o crente possuirá realmente; *Fé* – refere-se à “entrega da alma”, feita pelo crente às mãos de Jesus. É a fé no Senhor, fé pela qual o homem é salvo, recebendo a justificação. “Um único ato de confiança em Cristo, o mesmo para todos, judeus ou gentios, uma única maneira de salvação”. Todos os que têm essa fé, têm em si o vínculo da unidade, posto que confiam no mesmo Senhor, tendo entregue a Ele a alma.<sup>88</sup>

Percebe-se que o ensino de Paulo, em Efésios 4.4-6, é exatamente o mesmo que Jesus dá em João 17. “A unidade não é uma realidade que exista por si mesma; é sempre a consequência de nossa fé e da aceitação dessa grande e gloriosa doutrina de Deus que providenciou em Seu Filho o modo de salvação e a comunica ao ser humano através da operação do Espírito Santo”.<sup>89</sup> Ao citar essas sete realidades espirituais básicas que unem todos os cristãos verdadeiros, Paulo está demonstrando que a unidade construída sobre qualquer outra base que não seja a doutrina bíblica, apoia-se em alicerces extremamente instáveis.<sup>90</sup>

## 2.2 Conceito de Unidade da Igreja Local

O dicionário Houaiss define Unidade como a qualidade ou estado de ser um ou único, e uno no sentido de não poder ser dividido.<sup>91</sup> A Igreja Católica Romana defende a opinião de que a verdadeira unidade consiste em tudo ou todos os ramos da igreja se voltarem para ela, isto é, serem absorvidas para dentro dela, que é a “única e só verdadeira Igreja de Cristo”. As igrejas ortodoxas, grega e russa, mantêm opinião semelhante. Outros afirmam que unidade significa reunir todos os chamados cristãos para ter comunhão e trabalharem juntos, formando uma unidade visível. Outra ideia bastante popular considera unidade em termos de unificar todas as igrejas cristãs, a fim de discutir as várias opiniões da fé cristã e todos apresentem seu ponto de vista na esperança de chegar a um acordo.<sup>92</sup>

A exposição do capítulo anterior mostra que igreja refere-se, primariamente, a um corpo de pessoas que confessam e evidenciam através de suas vidas que foram salvas apenas pela graça

<sup>88</sup> CHAMPLIN, R. N. *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia*, V. 6, p. 535 e 536.

<sup>89</sup> LLOYD JONES, M. *A base da unidade cristã*, p. 43, 46 e 47.

<sup>90</sup> WIERSBE, W. W. *Comentário bíblico expositivo do Novo Testamento*, V. 2, p. 45.

<sup>91</sup> INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*, CD-ROM.

<sup>92</sup> LLOYD JONES, M. *Op. Cit.*, p. 9 e 10.

de Deus, por meio da fé em Cristo Jesus, e tão-somente para a glória de Deus. Visto que no NT a maioria das referências à igreja falam de um corpo de pessoas local, ativo e afetuoso, pessoas comprometidas com Jesus e umas com as outras, a igreja não é algo para o indivíduo e sua família por descendência física e natural, nem por questão de cidadania. Não, o NT ensina que a igreja é o corpo de Cristo, o ajuntamento ou comunidade local dos cristãos comprometidos com Cristo e uns com os outros.<sup>93</sup> “Os cristãos são irmãos e não mera associação de amigos”.<sup>94</sup>

Há outro aspecto na intercessão de Jesus que não pode ser esquecido. Sua intercessão em favor do grande número de discípulos que viriam a crer dirige-se justamente à unidade deles. É exatamente por causa da dificuldade que os seres humanos têm de permanecerem num relacionamento verdadeiro uns com os outros, e como toda a comunhão humana está constantemente ameaçada, inclusive a comunhão dos fiéis na igreja local, que Jesus intercede pela unidade dos seus.<sup>95</sup>

Quanto à expressão visível dessa unidade espiritual (invisível), Erdman alega que há muita coisa a ser feita por todos os crentes: **a)** Aceitar e proceder de acordo com a realidade da união vital como membro do corpo único de Cristo, independente da igreja ou sociedade a que pertença; **b)** Lembrar que a unidade só pode ser promovida com o aumento do conhecimento acerca de Cristo e da verdade por Ele revelada; **c)** Manifestar o amor, a longanimidade, a paz, a mansidão, a paciência, etc., que são o fruto do Espírito, e aguardar a direção deste, que encaminha para aquela manifestação de unidade pela qual o mundo espera.<sup>96</sup>

Trabalhando a unidade dentro do conceito de igreja local, e não Universal (espiritual, invisível), é fácil entender por que a igreja deve ser unida. A unidade da igreja local deve projetar a unidade espiritual do povo de Deus. Existem fatores determinantes da unidade da Igreja:

**a)** *A Unidade do Pai* – (Dt 6.4; Ef 4.6; I Tm 2.5) por ser Deus uma absoluta unidade consigo mesmo, a igreja deve ser uma unidade perfeita. “A natureza da unidade de Deus deve ser projetada na unidade da igreja. Cada igreja projeta o retrato do Deus a quem serve”. O homem

<sup>93</sup> DEVER, M. Nove marcas de uma igreja saudável, p. 162-164.

<sup>94</sup> LLOYD JONES, M. A base da unidade cristã, p. 20.

<sup>95</sup> BOOR, W. Evangelho de João, V. 2, p. 139.

<sup>96</sup> ERDMAN, C. R. O Evangelho de João, p. 130.

natural tem sua personalidade fracionada pelo pecado, pois no seu interior existem vontades conflitantes (“carne contra o Espírito e Espírito contra carne” - Gl 5.17). Paulo expressa isso ao falar de suas próprias ambiguidades (Rm 7.14-24), diferente de Deus, que é perfeito em santidade e é um ser uno, em unidade absoluta (Tg 1.17).<sup>97</sup>

Sendo a igreja a reunião dos regenerados, sua unidade se impõe pela própria unidade da nova natureza espiritual dos seus membros, resgatada para a semelhança da natureza de Deus.<sup>98</sup>

**b) A Unidade do Filho** – Todos os salvos são comprados pelo mesmo preço, o sangue de Jesus, e não há lugar para diferenças pessoais de valor na igreja. “Haverá um só rebanho, unido, porque há um só pastor (Jo 10.16). Se as ovelhas não estão unidas entre si é porque não estão em unidade com o Pastor”. O relacionamento entre Jesus e a igreja não é algo profissional, trata-se de uma perfeita unidade de amor. Vendo por outro prisma, os membros do corpo só podem comunicar-se através da cabeça, e quando não estão unidos entre si, existe alguma falha na comunicação entre um ou mais deles e a cabeça. Assim, ainda que tenham personalidades distintas, os membros da igreja devem ser unidos, primeiramente, pela presença de Cristo em cada um deles. “A perfeita unidade de Cristo, cabeça da igreja, na essência do seu ser divino-humano, impõe à igreja uma total unidade, pois toda a ambiguidade entre a carne e o espírito foi desfeita na cruz do Calvário”.<sup>99</sup>

**c) A Unidade do Espírito** – O Espírito Santo é um só e único. Também é Ele o doador dos múltiplos e diferentes dons espirituais, que juntos, somados, promovem “a edificação do corpo de Cristo”. A igreja precisa conservar a unidade do Espírito dentro da esfera na qual todos os dons são efetivados, ou seja, o amor “o caminho mais excelente” (I Co 13).<sup>100</sup>

**d) A Unidade do Amor** – “Como o Pai me amou, assim eu os amei; permaneçam no meu amor” (Jo 15.9). “O meu mandamento é este: Amem-se uns aos outros como eu os amei” (Jo 15.12). Não significa que este último seja o único mandamento de Jesus aos seus discípulos, mas é a motivação correta para a obediência aos demais mandamentos. Quanto ao verso 9, que diz: “permanecer no amor de Jesus”, não sugere amar a Ele e receber da sua graça e misericórdia, mas o amor com que os cristãos ou irmãos se amam é a medida da sua permanência no amor de Jesus (I Jo 4.12). Neste mundo, onde os valores morais e espirituais são tão transitórios, o que dá significado à vida é permanência no amor de Cristo evidenciada

<sup>97</sup> FALCÃO SOBRINHO, J. A túnica inconsútil, p. 138 e 139.

<sup>98</sup> *Ibidim*, p. 139.

<sup>99</sup> *Ibidim*, p. 139 e 140.

<sup>100</sup> *Ibidim*, p. 140.

pelo amor mútuo entre os cristãos. “Não amar o irmão é tornar nula a Graça. A unidade da igreja resulta do amor, testemunha do amor, desenha, em esperança, o amor que reinará na glória”. Os cristãos por amor adoram, ofertam dos seus bens, evangelizam, exercitam os dons que o Espírito lhes concede, buscam a santidade da vida, esperam a vinda do Noivo (Cristo), e se unem na *Ekklesia* (Igreja).<sup>101</sup>

Ambos os textos (Jo 17.20-23; Ef 4.1-16) tratam a unidade numa perspectiva espiritual, que ultrapassa ou está muito acima de qualquer instituição ou associação que possua suas bases nas coisas desse mundo, pois é realmente uma unidade espiritual. Por outro lado, esses textos expressam que a unidade espiritual deve ser confirmada pela unidade prática. A unidade deve ser vivida pela igreja local. “O NT mostra que há um corpo de Cristo aos olhos de Deus, e ao mesmo tempo, que a lealdade a Ele leva os cristãos a lutarem para que as relações da vida e do trabalho prático entre eles venham a corresponder àquele fato (unidade espiritual), na máxima medida possível”. Aqueles que verdadeiramente participam dessa unidade espiritual, se interessam por dar testemunho disto ao mundo e consideram tolice deixar de lutar agora por manter uma unidade em amor e paz, já que aguardam com grande esperança o seu Senhor.<sup>102</sup>

### 2.3 Complexidade da Unidade Cristã

Para falar de unidade cristã, é, no mínimo, necessário entender sua complexidade, ou seja, é uma unidade que apresenta muitas características interessantes e importantes. O cristão precisa conhecer bem essa complexidade para poder agir bem. Só é possível se empenhar melhor no cultivo e zelo da unidade, quando se tem um melhor conhecimento do que realmente envolve essa relação tão íntima gerada por Deus em Cristo. Ao considerar sua complexidade e explorá-la, a alma se regozija diante dessa obra tão maravilhosa de Deus. No mínimo, ela é surpreendente.

#### 2.3.1 Unidade X Uniformidade

Boor destaca que a unidade entre o Pai e o Filho (Jo 10.30; 17.21) é caracterizada pela liberdade e integralidade que não anula, e sim, preserva nítida e intencionalmente as diferenças entre eles. O Filho continua sendo aquele que espera, roga e obedece, ao passo que

<sup>101</sup> FALCÃO SOBRINHO, J. *A túnica inconsútil*, p. 140 e 141.

<sup>102</sup> FOULKES, F. *Efésios – introdução e comentário*, p. 91-93.

o Pai é totalmente aquele que envia, ordena, atende e concede. Justamente nessa distinção vive o amor que une Pai e Filho, e é assim que Jesus deseja a unidade de sua igreja. Jesus via diante de si a plena multiformidade dos que viriam a crer e pede para que todos sejam um. Ele não pede por uniformidade, mas que todos, mesmo diferentes uns dos outros, vissem o amor atuar nessa diversidade, suprimindo as carências entre si por meio dos dons que cada um recebe.<sup>103</sup>

Stott afirma que a unidade da igreja não se trata de uma uniformidade sem vida e sem cor. Não se deve ter em mente que cada cristão seja uma réplica exata de todos os demais, como se produzidos em massa nalguma fábrica celestial. Não, a unidade da igreja, longe de ser enfadonha e monótona, é emocionante em sua diversidade.<sup>104</sup> Ao tratar da unidade na diversidade, Paulo toma como exemplo a figura do corpo humano. Seu ponto principal ao empregar essa figura foi salientar a diversidade dos membros dentro da união do corpo, a igreja (Rm 12. 4,5; I Co 12.12-31). Os membros representam uma diversificação e não a unidade, porém a unidade do corpo é um produto de Cristo apenas, “... formamos um em Cristo” (Rm 12.5b). A igreja não é uma associação de voluntários, membros que são acrescentados e afastados por escolha pessoal. Visto que os membros pertencem a Cristo, pertencem então uns aos outros desde que Ele, e não eles, constitui a unicidade.<sup>105</sup>

Se os cristãos conseguissem apreciar essa verdade, ela os tornaria mais tolerantes em relação aos seus irmãos e irmãs na igreja com quem não concordam. A diversidade não é algo a ser rejeitado, mas a ser aceito. Deus quer que ela seja um meio de ministrar ao corpo e, por meio deste, ao mundo. Cada membro é, pois, importante aos olhos de Deus.<sup>106</sup>

Nota-se que a igreja de Cristo é composta de diferentes tipos de pessoas. Ela atravessa todas as linhas divisórias erigidas pelos homens, todas as distinções (raça, cor, cultura, etc.), reunindo pessoas de origem e procedência amplamente variadas. Surgem nesse contexto pontos de vista diferentes e personalidades diferentes que são, por vezes, causas de atrito. Há também as diferenças de dons dentro do corpo de Cristo. Entre os cristãos há uma tendência de depreciar os dons dos outros e de exaltar os próprios, ou vice-versa. Essa disputa é como um chão fértil para atrito, divergências e distinções dentro da igreja.<sup>107</sup> Ao invés de se alegrarem porque ninguém é igual a ninguém e celebrarem por essa diversidade saudável em

<sup>103</sup> BOOR, W. Evangelho de João, V. 2, p. 140.

<sup>104</sup> STOTT, J. A mensagem de Efésios – a nova sociedade de Deus, p. 110 e 111.

<sup>105</sup> SHELLEY, B. L. A Igreja: o Povo de Deus, p. 38.

<sup>106</sup> *Ibidim*, p. 38.

<sup>107</sup> STEDMAN, R. C. Igreja corpo vivo de Cristo, p. 28 e 29.

meio à unidade, os cristãos parecem querer implantar uma uniformidade. “A unidade não é ausência de conflitos. Isso é uniformidade. Unidade é entrar em acordo com seu adversário enquanto caminham juntos”.<sup>108</sup>

Nos textos de Rm 12.4,5 e I Co 12.12-31, Paulo procura deixar claro que essa rica variedade e profunda unidade está confirmada em Cristo. Paulo faz uso da figura do corpo humano para ilustrar as verdades acerca da vida no corpo de Cristo, a Igreja. A referência a *judeus, e gregos, escravos e livres* (I Co 12.13), não só lembra a rica diversidade do corpo de Cristo, como evidencia as dificuldades (muitas culturas diferentes), e também oferece um imenso potencial para um testemunho vigoroso de Cristo.<sup>109</sup>

A figura (corpo) mostra que existem muitos membros, o que importa em multiplicidade. Cada um deles exerce a sua respectiva função e cada uma dessas funções é importante para a vida coletiva da Igreja, onde nenhum membro individual funciona com exclusividade. Cada membro do corpo precisa de todos os outros membros; cada qual é indispensável para os demais.<sup>110</sup>

Assim como o corpo humano vive somente pela multiplicidade de seus membros e de toda a pluralidade de suas funções, assim também a Igreja vive quando há o convívio, a unidade dos membros com todas as diferenças existentes. A diversidade compreende a individualidade, ou seja, todos são diferentes e igualmente importantes, colocados por Deus no corpo para sua edificação e bom funcionamento. Os cristãos têm a unidade na diversidade de seus membros, dons, poderes e serviço, e possuem toda essa riqueza na unidade da igreja.<sup>111</sup>

Em suma, a figura que Paulo usa mostra que existem muitos membros, o que importa em diversidade. Cada um deles exerce a sua respectiva função e cada uma dessas funções é importante para a vida coletiva da Igreja, onde nenhum membro individual funciona com exclusividade. Os membros precisam uns dos outros; cada qual é indispensável para os demais. Nenhum membro, por si só, pode representar o corpo de Cristo, por isso, também, nenhum deles tem o direito de destacar-se acima dos demais, preocupando-se com a própria promoção e importância.<sup>112</sup>

---

<sup>108</sup> TENNEY, T. *O dream team de Deus – um chamado à unidade*, p. 50,51 e 55.

<sup>109</sup> PRIOR, D.; STOTT, J. R. W. *A mensagem de I Coríntios*, p. 225 e 226.

<sup>110</sup> MARTINS, J. G. *Manual do pastor e da igreja*, p. 9 e 10.

<sup>111</sup> BOOR, W. *Cartas aos Coríntios*, p. 196-199.

<sup>112</sup> MARTINS, J. G. *Op. Cit.*, p. 9 e 10.

### 2.3.2 Unidade X Ecumenismo

A igreja tem a necessidade de cumprir sua vocação no mundo. Por longo tempo, vem se falando que é fundamental para essa vocação a união de todos os cristãos. A desunião, a fragmentação, o estar tão divididos nada tem a comunicar ao mundo. Dificilmente, o alvo, atingir o mundo, será alcançado. Este é o fato pelo qual a igreja vive sem poder, e é desprezada pela sociedade. Daí a necessidade de unir-se. Já diziam que nos números há poder, e conseguir reunir um número suficiente de cristãos é poder influenciar a sociedade conforme a igreja estava destinada a fazê-lo. Esta filosofia fez surgir o movimento ecumênico da última parte do séc. XX.<sup>113</sup>

O termo grego *oikoumenê* significa “mundo habitado”, ou aquilo que “pertence a este mundo”, indicando aquilo que é universal. Assim como a Sociologia é a ciência da sociedade em geral, assim também o ecumenismo é a ciência da comunidade cristã mundial.<sup>114</sup> Com relação ao “mundo cristão”, ecumenismo veio a significar a unidade de todos os crentes, de tal modo que formam um corpo harmônico e universal, sem quaisquer divisões. O problema principal para atingir esse ideal é que ele consiste em sacrificar princípios bíblicos fundamentais.<sup>115</sup>

O sonho e a esperança de muitos é reunir as variadas denominações e conseguir formar uma igreja realmente ecumênica ou universal. Os ecumenistas alegam que, quando as igrejas se unirem em uma única organização, cumprir-se-á a oração de Jesus (Jo 17.20-23). Será honroso e correto apoiar esses esforços em prol da unidade, já que a união de todos os cristãos fortalecerá e ajudará a causa de Cristo? É bom lembrar que a unidade já existe, pois a Igreja existe. Não há necessidade de criá-la, e na verdade, os homens são incapazes de produzir a unidade, que é essencial para a vida da igreja. Cabe aos cristãos a responsabilidade de preservá-la. Os textos de Jo 17.20-23 e Ef 4.4-6 descrevem a natureza da verdadeira unidade, ou seja, está firmada e fundamentada em uma vida comum gerada por Deus, em Cristo, por intermédio do Espírito Santo. Cabe aos cristãos a responsabilidade de preservá-la.<sup>116</sup>

Os ecumenistas procuram criar uma unidade da carne, uma unidade organizacional, cujo poder está no número de corpos que podem ser ajuntados, bem à parte de convicções e

<sup>113</sup> STEDMAN, R. C. *Igreja corpo vivo de Cristo*, p. 27.

<sup>114</sup> CHAMPLIN, R. N. *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia*, V. 2, p. 262.

<sup>115</sup> *Ibidim*, V. 4, p. 386.

<sup>116</sup> STEDMAN, R. C. *Op. Cit.*, p. 27-31.

concordância espiritual. “Alguém descreveu tal união, como uma tentativa de enterrar todos os cadáveres em um só cemitério, preparando-os assim para a ressurreição. O propósito da igreja é ser um instrumento para a vida, e ajuntar corpos mortos não produz vida”. A igreja não irá influenciar a sociedade por meio dessa união que visa conquistar votos suficientes para controlar uma legislatura. Não, o Espírito Santo é o único e verdadeiro poder da Igreja.<sup>117</sup>

O NT fala de uma unidade na verdade, e é este o grande problema do CMI (Conselho Mundial de Igrejas), pois muitas igrejas ligadas a ele toleram heresias. Não é possível declarar a unidade em Cristo com o CMI, como sendo uma realidade concedida, quando se sabe que a verdadeira unidade é negada por desvios francos da palavra de Deus pela maior parte e maiores das denominações do CMI.<sup>118</sup>

Na sociedade moderna, predomina a opinião de que todas as religiões, cultos, seitas ou rituais tribais têm o mesmo valor e devem ser aceitos em sua forma original. Nesse novo ecumenismo, todas as religiões, seitas e doutrinas são dignas de crédito, aceitáveis e igualmente virtuosas, bem como os deuses e as práticas a elas associadas. Crê-se na bondade intrínseca do homem (todo ser humano possui uma centelha divina), logo, todos são aptos para a salvação. Tudo está baseado em filosofias relativistas que negam as verdades espirituais absolutas, os valores morais e a crença cristã, que passa a ser desrespeitada. Por discordarem dessas filosofias, vários cristãos acabam caindo em descrédito, são ridicularizados e estigmatizados (acusados, condenados e criticados) como entraves ao progresso. Isso pelo fato de manterem-se fiéis à inerrância da Palavra de Deus.<sup>119</sup>

No projeto de Deus, os salvos se reúnem para cultuá-lo e, juntos, proclamarem, pela vida e pela palavra, o amor de Deus em Cristo. O fruto natural do amor entre os cristãos da igreja local é as igrejas sustentarem laços de amor umas com as outras, unindo esforços para alcançarem o mundo com a mensagem do Deus que ama todo o mundo, amor que foi demonstrado por meio de Cristo Jesus (Jo 3.16-21). “Unir-se a outras igrejas em amor, refletindo o amor de Deus, é da natureza da Igreja. Isolamento é enfermidade e morte, tanto para o crente individualmente, quanto para a Igreja, pois é negar sua própria natureza”.<sup>120</sup>

---

<sup>117</sup> STEDMAN, R. C. Igreja corpo vivo de Cristo, p. 31 e 32.

<sup>118</sup> RUNIA, K. Reformemos a igreja, p. 50,68.

<sup>119</sup> MCQUAID, E. A tirania da minoria, p. 9,10,16 e 17.

<sup>120</sup> FALCÃO SOBRINHO, J. A túnica inconsútil, p. 115.

Ainda que as igrejas sejam autogovernativas e soberanas em suas decisões, elas podem cooperar umas com as outras sem ferir a sua individualidade. “Pois todas as igrejas (comunidade dos salvos, nascidos de novo), estão sob o domínio do mesmo Senhor, sob o controle do Espírito Santo, fundamentam-se na mesma Palavra e visam alcançar o mesmo objetivo: a salvação do mundo”. Entre as igrejas do NT havia uma cooperação solidária. Juntamente cooperavam na *preservação da sua identidade* (apesar das diferenças, procuravam manter no mundo inteiro uma mesma identidade espiritual - Atos 15), no *socorro aos necessitados* (as igrejas são exortadas a se unirem nesse ministério - II Co 8.1; 9.13), e no *sustento da obra missionária* (as igrejas se uniam para sustentar os missionários e eram doutrinadas a cooperar umas com as outras, desde o momento do seu nascimento - II Co 11.8; Fl 1.5).<sup>121</sup>

É importante o reconhecimento e a comunhão mútua. Embora as congregações e denominações sejam separadas umas das outras, com certeza os cristãos devem desejar e buscar a concretização de uma unidade espiritual e, na medida do possível, o reconhecimento e a comunhão mútua. Cada pessoa, congregação e igreja local terá de determinar até que ponto o envolvimento maior e a atividade cooperativa são coerentes com a preservação de suas convicções bíblicas e com o cumprimento da tarefa do Senhor.

### 2.3.3 Unidade X Divisão

Sabendo que o corpo místico é composto de almas convertidas, e isso pela operação do Espírito Santo, sabe-se, também, que é impossível que a formação do mesmo seja realizada por qualquer ser humano ou organização humana. Trata-se de uma obra divina, que é possível, somente pela graça (Ef 2.8-10). O Espírito Santo é o grande unificador dos crentes. Isso mostra que a atitude de facção e desunião não se harmoniza com Ele. O fato de existirem tantas facções entre crentes individuais e denominações inteiras, mostra até que ponto os homens ignoram a atuação do Espírito Santo de Deus no seio da igreja. Os cristãos deveriam temer toda forma de animosidade, se refletissem devidamente que tudo quanto os separa também os aliena do Reino de Deus! No entanto, tão estranhamente, ao mesmo tempo em que se esquecem dos deveres que, como irmãos na fé, devem ter uns para com os outros, jactam-se de serem filhos de Deus.<sup>122</sup>

<sup>121</sup> FALCÃO SOBRINHO, J. *A túnica inconsútil*, p. 115-117.

<sup>122</sup> CHAMPLIN, R. N. *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia*, V. 6, p. 535.

Através das intermináveis divisões a igreja tem desperdiçado sua autenticidade e credibilidade. A sociedade já convive com tanta desunião – no trabalho, nos lares, nas escolas e praticamente em todos os escalões do governo. A conclusão que as pessoas têm ao olharem para a igreja e verem a mesma coisa é mais ou menos esta: “Vejam estes cristãos contenciosos. Não são nada diferentes de nós. Apenas acham que são”. Como se encontra a igreja em relação ao padrão que Jesus estabeleceu em sua oração sacerdotal? A insubmissão e o controle humano permitem que o cristão chame Jesus de Senhor, mas não O deixe ser, de fato. Este é um prato cheio para divisões: a insubmissão a Cristo. A unidade só brotará quando os cristãos submeterem suas vontades humanas ao Pai e lhe derem total controle de seus corações, vidas e de suas congregações. Isso enfraquecerá os fatores causadores de divisões.<sup>123</sup>

Não há dúvida de que os cristãos são chamados para a unidade e para o amor, tanto quanto para defender a verdade. O NT, persistentemente, os convoca a fazerem tudo o que estiver ao seu alcance para evitar a desunião, pois existe somente um corpo e um evangelho (Gl 1.6-9), uma salvação (At 4.12), uma revelação (I Co 2.6-10), um Senhor, um Deus e um Espírito (Ef 4.3-6). “Jesus estabeleceu uma Igreja, não um festival de denominações”.<sup>124</sup> A doença da divisão encontra sua cura quando os cristãos tomam a sua cruz e seguem a Jesus e, assim, vivem a verdadeira unidade. “A desunião gera a morte da igreja; a morte da carne gera unidade”.<sup>125</sup>

Falcão Sobrinho relata que as divisões na igreja local podem ocorrer por meio de: **a)** fatores sócio-econômicos (a elitização pelo critério econômico divide a igreja e é fatal para os seus objetivos), pois quando os ricos se isolam dos pobres, considerando-os incompetentes, estes depreciam os ricos na sua espiritualidade (I Co 11.22). Cuidar com transações financeiras, empréstimos inclusive, que, quando não são honrados, resultam em divisão; **b)** divergência doutrinária (partidarismo nominal, divisões ideológicas I Co 3.11), cristãos imaturos se deixam levar por modismos teológicos (Evangelho social, morte de Deus, teologia da libertação, maldição hereditária, dente de ouro, sopro de poder, cura interior, etc.), chamados por Paulo de “ventos de doutrina” (Ef 4.14), assumem posições radicais e criam cismas na igreja. Essas divergências são frutos da carne. “Enquanto que Cristo ficar no centro da vida do indivíduo e da igreja, a *eritheia* – ambição pessoal e causa da rivalidade partidária não poderá

<sup>123</sup> TENNEY, T. O dream team de Deus – um chamado à unidade, p. 27,28,31,35.

<sup>124</sup> SIDER, R. J. Cristianismo genuíno, p. 103.

<sup>125</sup> TENNEY, T. *Op. Cit.*, p. 45.

sequer começar a aparecer. Mas quando Cristo é removido do centro e as ambições políticas de qualquer homem se tornam o centro, certa e inevitavelmente, a *dikostasia*, competição pessoal, invadirá a igreja e perturbará a paz dos irmãos”; **c**) laços familiares (os vínculos de sangue também costumam causar divisões) brigas entre parentes, proteger um familiar da disciplina eclesiástica, ou ainda lutas entre familiares pelo poder da igreja, a divisão surge e se alastra; **d**) choque de gerações (divisões causadas pelo conflito entre grupos de faixas etárias diferentes) trata-se de conflitos de personalidade em luta pelo poder, ou seja, os mais jovens não aceitam valores tradicionais e querem mudar tudo, os mais velhos não aceitam inovações. A igreja precisa da experiência provada dos mais antigos e da contextualização das novas gerações; **e**) fatores funcionais (divisões causadas pelos interesses comuns de cada área de atuação da igreja) brigas pelos interesses do grupo, união A versus união B, departamento C versus departamento D, fazem surgir divisões e vão criando raízes; e **f**) partidarismo (partidos formados por motivos de simpatias ou antipatias pessoais) o problema de valorizar mais alguém ou alguns em detrimento de outros. Todos os fatores que dividem o corpo de Cristo são diagnosticados pela Bíblia como resultados da carnalidade e da imaturidade espiritual.<sup>126</sup>

Por outro lado, Grudem expõe três razões favoráveis à separação ou divisão. São situações que parecem exigir que os cristãos saiam de uma determinada igreja ou grupo: **a**) Razões doutrinárias – quando há sérios desvios dos padrões bíblicos, erros fundamentais que envolvem a negação da fé cristã (I Co 5.11-13; II Ts 3.14,15; Tt 3.10,11; II Jo 10,11). Lembrando que não é certo deixar a igreja e provocar divisão quando a exclusão dos que pervertem a comunhão não pode ser feita imediatamente (At 2.14-16; 20-25; cf Lc 9.50; 11.23); **b**) Razões de consciência – quando se proíbe ou não se dá liberdade para um cristão pregar ou ensinar conforme sua consciência baseada nas Escrituras, ou seja, a perda da liberdade em obediência à Palavra de Deus (At 5.29; II Co 6.14); e **c**) Considerações práticas – quando, após muita reflexão e oração, cristãos entendem que sua permanência na igreja resultará mais em mal do que em bem. Cada uma dessas situações deve ser acompanhada de muita oração, juízo maduro e direção clara, direção divina.<sup>127</sup>

Citando as palavras de João Calvino, Grudem lembra e reconhece que as divisões frequentemente decorrem de orientação egocêntrica: “o orgulho ou a autoglorificação é a causa e o ponto de partida de todas as controvérsias, quando alguém, reivindicando para si mesmo mais do que lhe cabe, mostra-se ansioso para ter outros sob o seu poder”. E diz mais:

<sup>126</sup> FALCÃO SOBRINHO, J. *A túnica inconsútil*, p. 142-144.

<sup>127</sup> GRUDEM, W. *Teologia sistemática – atual e exaustiva*, p.739-741.

“a ambição tem sido, e ainda é, a mãe de todos os erros, de todos os distúrbios e de todas as seitas.”<sup>128</sup>

O NT denunciou severamente os tipos de atitudes e ações que geravam divisões e que ainda são causadoras de divisões na atualidade. O partidarismo (I Co 1.10-17), a luta pelo poder (Fp 2.1-11) e a recusa em busca da reconciliação, do perdão (Mt 18.15-20), falsos mestres e suas heresias que não só dividem, mas também enganam (II Co 11.13; II Pe 2.1; Jd 19). Onde está o mesmo falar, o serem inteiramente unidos, o mesmo pensar e parecer, “caso Cristo está dividido?” (I Co 1.10,13). A existência de grande variedade de denominações é uma marca do fracasso e do pecado dos cristãos. Jesus, em sua oração, deixa claro que a unidade invisível deve ser demonstrada concreta e publicamente por meio da unidade visível entre seus discípulos. Ele previne os seus de se satisfazerem com uma unidade invisível e vaga (Jo 17.21b).<sup>129</sup>

## 2.4 Propósitos da Unidade Cristã

É importante entender que a unidade cristã não existe com um fim em si mesma. Há razões ou propósitos dela existir e ser manifestada e evidenciada na igreja local. O que Deus desejou ao criar a unidade e reservá-la para a igreja? Ou quais os propósitos da unidade cristã? Por meio dela Deus deseja ser glorificado, o mundo saberá que Jesus Cristo é o Senhor, e por meio dela a igreja cresce, alcança maturidade, se fortalece e vive algo que, inevitavelmente, impacta o mundo, ou seja, a vontade de Deus.

### 2.4.1 Glorificar a Deus

Mark Dever diz que a vida corporativa tem de identificar os cristãos como povo de Deus e trazer-lhe louvor e glória. Afinal, não é só a vida espiritual do indivíduo que glorifica a Deus, é bem verdade que a vida espiritual da igreja tem a mesma função.<sup>130</sup> Hoje, a coisa mais urgente para honrar a Cristo e para a propagação do Evangelho, é

...a igreja ser aquilo que já é segundo o propósito de Deus e a realização de Cristo, e ser vista como tal: uma nova humanidade, um modelo de comunidade humana, uma família de irmãos e irmãs reconciliados que amam ao seu Pai e se amam uns aos outros, a habitação evidente de Deus pelo seu Espírito. Somente então Deus receberá a glória devida ao seu nome.<sup>131</sup>

<sup>128</sup> Apud GRUDEM, W. Teologia sistemática – atual e exaustiva, p. 738 e 739.

<sup>129</sup> SIDER, R. J. Cristianismo genuíno, p. 103 e 104.

<sup>130</sup> DEVER, M. Nove marcas de uma igreja saudável, p.173 e 174.

<sup>131</sup> STOTT, J. A mensagem de Efésios, p. 76.

Boor diz que a unidade possui um significado crucial para o serviço da igreja, pois ela torna-se um testemunho eficaz (Jo 17.21b). Por isso, a unidade não é importante apenas para os discípulos em si, mas o mundo, ao constatar nos discípulos de Cristo que a unidade e a comunhão livre e plena estão sendo vividas com amor abnegado, saberá e crerá que Jesus, de fato, é o Salvador enviado por Deus. Essa mensagem irromperá livremente no mundo. O contrário disso, a desunião dos discípulos, dificulta a fé em Jesus. “O envio de Cristo parece ser refutado quando a mesma desunião e o mesmo desamor que o mundo conhece de sobra predominam em sua igreja”. Realmente, e infelizmente, é isso que mais tem acontecido e Deus não é glorificado.<sup>132</sup>

Não se pode negar a grande importância da unidade, pois ela glorifica o Pai e o Filho. Ela é tão necessária para os cristãos, o corpo de Cristo, e serve de testemunho para os descrentes (Rm 5.6,7). Paulo é o exemplo de alguém que não mediu esforços para defender e preservar a unidade da igreja na visão de proclamar a salvação em Cristo (Rm 15.5,6; I Co 3.1-4; 12.12-33; Gl 2.11-14; Ef 4.1-16; Fp 2.1-4; 4.2-4; Cl 3.13,14; Tg 4.11,12).<sup>133</sup>

#### **2.4.2 Proclamar o Evangelho**

Deus pretende que seu povo seja um modelo visível do evangelho. Uma igreja, quando proclama que Jesus, por meio da cruz, aboliu as velhas divisões e criou uma nova comunidade de amor, mas tolera barreiras raciais ou sociais ou quaisquer outras, dentro da comunhão, se contradiz. Os cristãos precisam deixar que suas falhas pesem em sua consciência, sentir que grande ofensa contra Cristo e contra o mundo estas ofensas constituem, e chorar sobre o vazio de credibilidade entre o falar da igreja e seu andar. Em larga escala, ela fala o que não vive.<sup>134</sup> Percebe-se que “a igreja tem a capacidade singular de manchar a reputação daquele que nunca fez nada de errado”.<sup>135</sup>

A oração de Jesus mostra que, ao ver a união de seus discípulos e o amor de uns para com os outros, o mundo creria na mensagem genuína. A falta de unidade torna-se o maior obstáculo para o trabalho de evangelização. “Será que o mundo rejeita a mensagem porque se recusa a crer, ou porque aqueles que a transmitem estão divididos e não têm amor uns pelos outros?”.

<sup>132</sup> BOOR, W. Evangelho de João, Vol. 2, p. 140 e 141.

<sup>133</sup> DOCKERY, D. S. (edit.). Manual bíblico Vida Nova, p. 757.

<sup>134</sup> STOTT, J. A mensagem de Efésios, p. 76.

<sup>135</sup> TENNEY, T. O dream team de Deus – um chamado à unidade, p. 38.

Jesus não disse: “nisto conhecerão todos que vocês são meus discípulos, quando vocês todos defendem a doutrina correta”. Jesus não disse: “o mundo saberá que eu vim do Pai quando vocês pregarem uma mensagem inspirativa”. Não, mas Jesus disse: “o mundo se convencerá de minha mensagem quando virem vocês, meus seguidores, caminhando em amor e unidade uns com os outros”. A doutrina correta é uma coisa necessária. Espera-se que o evangelho seja anunciado com eficácia, mas a principal atitude que convencerá o mundo da fidedignidade da mensagem é que nós andemos em unidade e amor uns com os outros.<sup>136</sup>

Como alguém certa vez disse: “Se o mundo acreditasse que amaríamos incondicionalmente e que estaríamos lado a lado um com o outro em qualquer situação, teríamos que construir milhares e milhares de novos templos para acomodar todos os novos convertidos”. Jesus sabia o que estava falando. Frequentemente os cristãos vivem menos do que pregam.<sup>137</sup>

Paulo, em Romanos 12.14-21, deseja que a igreja, unida, atenda ao chamado e seja responsável em contar à sociedade as boas novas sobre Jesus Cristo. A igreja precisa estar significativamente presente, na vida comercial e industrial, na educação e no aprendizado, nas artes e na vida familiar, na moral e no governo com a mensagem inigualável. Plantar essa mensagem é permitir que a própria vida de Cristo transforme as pessoas de dentro para fora, tornando-as pessoas que amam, que se interessam uns pelos outros, que são confiáveis e que confiam.<sup>138</sup>

Percebe-se que levantar barreiras e não viver como povo de Deus, filhos do mesmo Pai e irmãos de uma mesma família, é tornar nulo o que Cristo fez por sua igreja. Ele destruiu as barreiras e fez com que os que nele creem sejam um. Será que os cristãos, as igrejas locais, estão, através de sua comunhão e amor mútuo, glorificando a Deus? Ou será que já nem percebem mais o quanto estão manchando a reputação de Cristo com sua falta de compromisso e amor de uns para com os outros? Como cristão, lembre-se: a falta de unidade não glorifica a Deus e é o maior obstáculo para a proclamação do evangelho. Os cristãos são chamados a trilhar essa senda para glorificar a Deus, ver e desfrutar dos resultados.

### **2.4.3 Crescimento e Maturidade da Igreja**

Tarry afirma: “ninguém conseguirá espiritualidade por caminhos curtos, rápidos e fáceis. Não existe uma injeção espiritual que promova o amadurecimento rápido de um crente, ou o

---

<sup>136</sup> CARLTON, R. B. *Atos 29*, p. 101.

<sup>137</sup> TENNEY, T. *O dream team de Deus – um chamado à unidade*, p. 48.

<sup>138</sup> STEDMAN, R. C. *Igreja corpo vivo de Cristo*, p. 26.

crescimento acelerado de um bebê na fé”.<sup>139</sup> O crescimento e a maturidade espiritual da igreja compreende um processo contínuo e que leva tempo, pois não acontece da noite para o dia. O tempo é um elemento importante para o amadurecimento. O crescimento é fruto de conhecimento, mais obediência e mais tempo. À medida que os membros absorvem os ensinamentos da Palavra e os põe em prática, a maturidade vai sendo alcançada. Por que é tão importante o crescimento ou a maturidade dos cristãos? Porque, para uma igreja ser forte e avivada, ela depende desse processo: crescimento e maturidade. Assim como um carro parado não chega ao seu destino, uma igreja imatura não atinge seus alvos: ser uma igreja forte e ativa em sua missão. É com esses propósitos que a Bíblia ensina sobre unidade da igreja. Uma igreja unida cresce no conhecimento de Cristo, desenvolve maturidade espiritual, e torna-se forte, viva e expressiva na sociedade.<sup>140</sup>

Stedman explica que o amadurecimento de todo o corpo implica que cada membro compreenda sua necessidade de aprender e amadurecer. À medida que os cristãos compartilham e compreendem a doutrina cristã e têm uma vida de experiências íntimas com Deus, eles crescem para o amadurecimento. Com base em Efésios 4.16: “Dele todo o corpo, ajustado e unido pelo auxílio de todas as juntas, cresce e edifica-se a si mesmo em amor, na medida em que cada parte realiza sua função”. Nota-se que as partes do corpo são feitas de tal maneira que vão ao encontro das necessidades umas das outras, ou seja, elas estão “ajustadas e consolidadas”.<sup>141</sup>

Mark Dever também afirma que o crescimento espiritual é de suma importância, pois é através dele que a igreja se torna saudável para testemunhar ao mundo. O crescimento vem de Deus e é para sua glória (I Co 3.6,7; I Pe 2.12). Quando a igreja trabalha em prol do seu crescimento e amadurecimento espiritual, Deus é glorificado e torna-se conhecido no mundo. O crescimento espiritual não deve ser visto como uma opção, mas todos os cristãos devem crescer na graça e no conhecimento de Cristo Jesus (I Pe 3.18). Cristo deve ocupar o trono de suas vidas, o que indica não uma perfeição, mas um coração que deseja realmente seguir o Senhor. Isso é o avivamento genuíno que fortalece e traz vida. “As coisas vivas de verdade crescem, e algo que para de crescer, morre”.<sup>142</sup>

---

<sup>139</sup> TARRY, J. E. As armadilhas de Satanás contra a igreja de Cristo, p. 139.

<sup>140</sup> STEDMAN, R. C. Igreja corpo vivo de Cristo, p. 114-126.

<sup>141</sup> *Ibidem*, p. 114 -126.

<sup>142</sup> DEVER, M. Nove marcas de uma igreja saudável, p. 234-239.

Getz procura mostrar que o amadurecimento na igreja local é evidenciado pelo amor de uns para com os outros. Que não adianta a igreja ser repleta de dons e faltar o amor. Precisa ser observado que a manifestação de dons espirituais não é sinônimo de espiritualidade e maturidade. De que adianta ter tudo, todos os dons e não possuir o amor? Paulo deixa bem implícito para os coríntios que sem o amor eles eram nada (I Co 13). Onde há falta de amor, há cristãos infantis. Paulo esclarece muito bem isso em sua primeira carta aos Coríntios. Eles eram imaturos e viviam num estado de parcialidade, infantilidade e obscuridade na vida espiritual. Haviam progredido muito na busca da imagem de Cristo. “O amor diz respeito aos relacionamentos moldados segundo Cristo, entre os membros do corpo e para com todas as pessoas – uma atitude que cria unidade e unanimidade”.<sup>143</sup>

Com base em Efésios 4.13, Stott explica que o alvo da igreja não é Cristo e, sim, alcançar a perfeição no sentido de maturidade na unidade, e isso provém de conhecer a Cristo, de confiar Nele, e de crescer para dentro Dele. E que, embora a unidade da igreja já tenha sido dada e já seja inviolável, ainda precisa, num outro sentido, ser tanto *mantida* (Ef 4.3) como *atingida* (Ef 4.13). Segundo ele, a unidade leva à maturidade, e a maturidade preserva e intensifica a unidade. É impossível que a unidade cresça sem a fé e sem o conhecimento cristãos, pois é exatamente na medida em que se conhece o Filho de Deus e se confia Nele que se cresce no tipo de unidade uns com os outros como Ele deseja.

Stott ainda menciona que o corpo (igreja) precisa crescer naquele que é seu cabeça, Cristo (Ef 4.15). E é mediante a verdade e o amor que a igreja cresce para a maturidade. Paulo pede uma combinação equilibrada entre os dois: “A verdade se torna ríspida se não for equilibrada pelo amor; o amor torna-se frouxidão se não for fortalecido pela verdade. Não há outro roteiro senão este para chegar a uma unidade cristã plenamente madura”. Somente com uma comunhão que se aprofunda, um profundo desejo de manter a unidade cristã visível e de reavê-la se for perdida, um ministério ativo de todos os membros, e um crescimento firme para a maturidade sustentando a verdade em amor, a igreja estará cumprindo sua vocação e vivendo a vida sob o ideal bíblico, como uma vida que vale a pena.<sup>144</sup>

#### **2.4.4 Fortalecimento e Avivamento da Igreja**

A ideia acima transmitida é de que o ministério honesto e amável, de cristão para cristão, consiste em contínuas escolhas feitas em harmonia, tendo, como resultado final, um

<sup>143</sup> GETZ, G. A. *Igreja – forma e essência*, p. 99,101,103 e 104.

<sup>144</sup> STOTT, J. A. *A mensagem de Efésios*, p. 122-126.

testemunho perante o mundo, que faz o corpo crescer em número e fortalecer-se espiritualmente. É importante que cada cristão faça do lugar em que Deus o colocou, não um problema, mas uma maneira de auxiliar e ser auxiliado pelos outros. A igreja que estiver disposta a levar a sério Efésios 4, I Coríntios 12 e Romanos 12, vai provar aquilo que Deus está disposto a realizar, um avivamento, ou seja, um viver que, indiscutivelmente, irá impactar os incrédulos.<sup>145</sup>

Lovelace comenta que a maioria das igrejas modernas deveria observar mais o que a Bíblia registra sobre a igreja primitiva e fazer uma autoavaliação. Há muitas diferenças: A igreja primitiva era uma comunidade integrada, centrada na adoração e no avanço do Reino de Deus. Economicamente, era organizada em comunidade (os membros não se distanciavam uns dos outros por causa da busca de sucessos individuais); dedicavam-se, e também dedicavam o que possuíam, ao fortalecimento mútuo e à causa de Cristo. Sua comunhão era constante e reforçada pelo ensino dos apóstolos, pela oração em grupo e pelo culto sacramental. Ele também alerta que o individualismo espiritual é uma grande barreira que impede o cristão de receber graça por meio de seus irmãos. Isso não só afeta o cristão como indivíduo, mas enfraquece o corpo de Cristo. Espiritualmente, os cristãos são dependentes uns dos outros e o fortalecimento deles também depende disso (I Co 12.21).<sup>146</sup>

Usando as palavras do pastor Martyn Lloyd Jones, Shedd reforça a ideia de que a igreja que permanece e prega as verdades centrais da Bíblia tem o potencial de transformar vidas e provocar um avivamento genuíno. Ele também afirma que “A unidade criada pelo Espírito alcança os que amam o Senhor Jesus e reconcilia irmãos separados”. Segue dizendo que a unidade da igreja não é menos importante que as manifestações espirituais, já que Paulo afirmava isso categoricamente (ICo 3.16-17). O apóstolo condenou as divisões em Corinto como manifestações de carnalidade e pecado, não santidade e consagração esperadas de um avivamento.<sup>147</sup>

O objetivo central de uma igreja é o de criar um povo santo, unido pelo amor mútuo, e isso precisa ser valorizado, principalmente, pelos líderes. As manifestações sensacionais não podem elevar o sobrenatural ao ponto de obscurecer a importância do amor (ágape) cristão. Paulo, em I Coríntios 13, procurou corrigir este desvio que facilmente corrompe a pureza de um avivamento genuíno. A igreja deve tomar isso como exemplo e segui-lo. Sempre que a

---

<sup>145</sup> STEDMAN, R. C. Igreja corpo vivo de Cristo, p. 126 e 140.

<sup>146</sup> LOVELACE, R. F. Teologia da vida cristã, p. 136 e 144.

<sup>147</sup> SHEDD, R. Avivamento e renovação, p. 12,15,16, 35-39 e 83.

igreja quebra sua comunhão fraterna, ela está desviada do caminho trilhado por Jesus. A oração sacerdotal (Jo 17) eleva a unidade dos discípulos até o nível mais alto. Um avivamento genuíno e bíblico é inconcebível sem a humilhação, a oração, a busca pela presença do Senhor, sem a comunhão ou cultivo da unidade e sem o abandono do pecado.<sup>148</sup>

Segundo Stott, há quatro dimensões na oração sacerdotal de Jesus que devem ser mantidas juntas para que haja uma renovação ou um avivamento da igreja: verdade, santidade, missão e unidade. Sem esta, o mundo não virá a crer que Jesus é o Salvador e Senhor enviado da parte de Deus. E se a igreja pode ser profundamente renovada pelo Espírito e pela Palavra de Deus ao ponto de poder oferecer “uma experiência de transcendência através de sua adoração, de significância através do seu ensino e de uma comunidade através de sua comunhão”, as pessoas se voltarão para ela. As pessoas buscarão e darão credibilidade à mensagem do Evangelho pregada pelos cristãos quando isso ocorrer.<sup>149</sup>

---

<sup>148</sup> SHEDD, R. Avivamento e renovação, p. 67,68 e 114.

<sup>149</sup> STOOT, J. Ouçã o Espírito ouçã o mundo, p. 264, 298 e 299.

### III – PRINCÍPIOS BÁSICOS PARA A UNIDADE CRISTÃ

*“A unidade não é um alvo ideal que os discípulos precisam alcançar com esforços próprios...Pelo fato de que o Único está neles como seu Senhor e Redentor, a união nele já lhes foi presenteada”.* Werner de Boor

Diante do que já foi mencionado, com respeito à unidade da igreja de Cristo, é importante considerar e analisar alguns princípios extremamente necessários para o cultivo e zelo da unidade. Quantas situações em que o cristão (como indivíduo), a família cristã, a igreja local, a igreja Universal (todos os cristãos), não fizeram, ou não fazem, jus à oração de Jesus. O mundo precisa ver na vida do cristão, na vida da família cristã, na vida da igreja local e na vida da igreja universal atitudes que demonstram de fato que a oração de Cristo é real. Ainda que haja várias denominações, as atitudes, a vida cristã autêntica, será a identificação de que servem e amam o mesmo Senhor e Deus. Nisto é revelada a unidade pela qual Jesus orou.

A seguir serão abordados alguns princípios quanto ao cultivo e zelo dessa unidade. Eles serão abordados no âmbito individual e familiar, da igreja local e universal. Quais os princípios que podem ajudar o cristão, a família cristã, a igreja local e universal, a viverem uma unidade real com Cristo sendo um testemunho impactante e decisivo para o mundo? É possível seguir esses princípios e obter resultados satisfatórios? Não devem restar dúvidas de que a unidade gerada por Deus em Cristo Jesus é um testemunho impactante para o mundo e que os princípios estabelecidos pela própria Escritura auxiliam não só na compreensão dessa unidade, mas a praticar, cultivar e zelar por ela.

#### **3.1 Princípios para a Unidade na Vida do Cristão**

O cristão deve conscientizar-se de que há muitos membros que compõem o Corpo de Cristo, e que nele cada um exerce sua respectiva função, da mesma maneira que os outros exercerão as suas. Isso já é um bom começo. Não deve esquecer-se de que sua função, não importa qual seja, é importante para o Corpo, e que os outros, igualmente, são importantes para sua vida. Nisso não há exclusividade. Não tornar exagerada a sua importância, é outro cuidado que deve ter, pois isso leva ao orgulho pessoal, e não deve ser assim. Nenhum membro é menos ou mais importante em detrimento de outro; logo, cada cristão depende dos outros para sua própria existência. Cada membro é indispensável para os demais.<sup>150</sup>

---

<sup>150</sup> CHAMPLIN, R. N. *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia*, V. 1, p. 929 e 930.

O cristão está unido aos outros por meio de Cristo e toda altivez espiritual pode comprometer o testemunho da unidade desse corpo. Pode orgulhar-se, sim, por poder servir ao mesmo Senhor e cabeça da igreja, Cristo, mas deve lembrar-se de que possui uma “vida em comum” com os demais membros, a vida em Cristo Jesus, regenerada pelo mesmo Espírito Santo. Por isso, a sua principal característica, bem como a de cada membro, é o amor pelos demais.<sup>151</sup> O cristão não pode se esquecer de que sua unidade com os demais cristãos depende de Cristo e que ele pode promover ou prejudicar a unidade.<sup>152</sup>

Stedman salienta que o próprio Deus equipa cada cristão com dons bem característicos, ou seja, Deus equipou cada membro com um ou mais dons espirituais e o colocou exatamente onde Ele quer que os exerça. “Não há no mundo experiência que cause maior satisfação e realização do que tornar-se consciente de que você tem sido instrumento de atuação divina na vida de outras pessoas” (I Co 12.7; I Pe 4.10).<sup>153</sup>

Falcão Sobrinho lembra que a responsabilidade do pastor é grande, pois ele deve estar ciente de que, quanto mais afinidade tiver com o “Sumo Pastor”, Jesus Cristo, maior e mais concreta será a unidade da igreja. Sua conduta como cristão e como pastor, seus procedimentos e atitudes irão auxiliá-lo, ou não, na obtenção de bons líderes, que o ajudarão na tarefa de cultivar e aperfeiçoar a unidade da igreja local.<sup>154</sup>

Getz, quando trata da importância de cada cristão na igreja, sua função (Rm 12.4), seus dons, a necessidade em comum (I Co 12.21) e a responsabilidade de contribuir para o crescimento do corpo, afirma que: “Num sentido, cada membro é um líder, chamado por Deus para ajudar os outros membros do corpo a crescer e amadurecer. Cada junta deve funcionar e cada parte deve fazer sua contribuição para a vida da igreja. Quando isso ocorre, o corpo de Cristo edifica a si mesmo em amor (Ef 4.16)”. O cristão precisa estar consciente disso e demonstrar na prática seu valor e amor.<sup>155</sup>

O amor é o maior sinal da vida de Jesus, dentro do cristão. É através do amor que há aceitação mútua, compassividade, perdão, etc. Também é ele quem evita que mal-entendidos e diferenças de opinião causem divisões (Jo 13.35). O amor jamais se manifesta na rivalidade, ambição, ostentação, indiferença ou atitudes preconceituosas. O amor é exatamente o oposto

---

<sup>151</sup> CHAMPLIN, R. N. Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia, V. 1, p. 929 e 930.

<sup>152</sup> WILLIAMS, D. Dicionário bíblico Vida Nova, p. 75.

<sup>153</sup> STEDMAN, R. C. Igreja corpo vivo de Cristo, p. 54.

<sup>154</sup> FALCÃO SOBRINHO, J. F. A túnica inconsútil, p. 146.

<sup>155</sup> GETZ, G. A. Igreja – forma e essência, p. 173 e 174.

disso. Inquestionavelmente, cada crente é uma peça importante para cultivar essa forma de vida no corpo.<sup>156</sup>

Ao conseguir compreender e apreciar essa verdade sobre a unicidade em Cristo, o cristão se tornará mais tolerante em relação a seus irmãos com quem não concorda. Também não deve rejeitar a igreja, muito menos pensar que pode servir a Cristo sem cultivar laços com seu irmão. Mesmo que a salvação seja pessoal, não significa que possa ter uma perspectiva individualista em relação a ela, ou seja, que não precise de ninguém, só de Jesus. Deve-se saber que, assim como o verdadeiro amor faz parte do casamento legítimo, cada cristão, principalmente o novo convertido, precisa saber que a igreja faz parte integrante da verdadeira salvação. Ser verdadeiramente salvo significa ser acrescentado a um corpo de pessoas salvas, e isso é igreja.<sup>157</sup>

O propósito da redenção é justamente este: livrar o homem do isolamento e do egoísmo, pois Cristo morreu na cruz e o Espírito Santo veio no Pentecostes para destronar o “eu” pecador e atraí-lo para uma nova comunidade. No NT, a vida do cristão não é acidental, e sim, necessariamente, comunitária. Mesmo que um membro do corpo dissesse: “Não pertenço ao corpo”, não deixaria de modo algum de fazer parte dele (I Co 12.15). Percebe-se que a graça não promove um isolamento concentrado em si mesmo, pois ele é fruto da corrupção da natureza humana. A graça leva o cristão a desfrutar de uma interdependência, uma unidade. Está claro que a fé salvadora é uma questão intensamente pessoal, mas isso jamais a torna um assunto puramente particular. Para Shelley, o NT desconhece a “religião solitária”, pois este compreende que a necessidade básica do homem é a restauração da comunhão, companheirismo com Deus e a reconciliação com seus semelhantes. Por esse motivo, a salvação plena sempre significa vida na família de Deus, a igreja de Jesus Cristo.<sup>158</sup>

Mark Dever diz que ser membro numa igreja local não salva, mas é um reflexo de que se é salvo. Pois a maneira do cristão refletir se é verdadeiramente salvo, é vivendo em unidade com os irmãos, é experimentando este contexto. Como já dizia o apóstolo João: “Se alguém disser: amo a Deus, e odiar a seu irmão, é mentiroso; pois aquele que não ama a seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê” (I Jo 4.20).<sup>159</sup>

---

<sup>156</sup> STEDMAN, R. C. Igreja corpo vivo de Cristo, p. 24 e 25.

<sup>157</sup> SHELLEY, B. L. A Igreja: o povo de Deus, p. 32-34.

<sup>158</sup> *Ibidim*, p. 34, 38 e 40.

<sup>159</sup> DEVER, M. Nove marcas de uma igreja saudável, p. 166.

Segundo Mark Dever, tornar-se membro da igreja é dar as mãos um ao outro para ser conhecido e conhecer um ao outro. É concordar em ajudar e ser ajudado, encorajar e ser encorajado, exortar e aceitar uma exortação quando se esquece da obra de Deus realizada em seu ser, ou quando há grandes discrepâncias entre o falar e o viver. É preciso assumir sua parte ativa na igreja, não somente frequentá-la, orar por ela e contribuir financeiramente (isso é correto), mas, também, conhecer intimamente seus irmãos, orar por eles, ouvir e conhecer suas preocupações.

Dever segue dizendo que a questão é não tentar viver a vida cristã sozinho. O fato de ser cristão gera a necessidade de viver em aliança com os outros para seguir a Cristo. A vida cristã se resume em conviver ou viver unido. Não tem nada a ver com egoísmo e individualismo. Viver como cristão significa estar comprometido com os outros. Ao fazer parte de uma comunidade centralizada em Jesus Cristo, o crente é forçado a tratar áreas da sua vida que evitaria em outras situações. Por causa de seu amor comprometido com outros irmãos na fé, ele ora e reflete sobre essas áreas e se arrepende. Por meio de seu compromisso e responsabilidades como membro da igreja local, o cristão aprende mais a respeito do que é o verdadeiro amor.

Para Dever, não há dúvida de que o cristão é estimulado quando vê Deus agindo na vida de outros irmãos. É neste contexto ou nesse conviver que ele é encorajado e amadurece. Um servo do Senhor precisa ter sempre em mente que seguir a Cristo envolve fundamentalmente a maneira como ele trata as outras pessoas, em especial aquelas que são membros de sua igreja. O cristão está sob uma aliança que ensina que se deve amar e dedicar-se a amar. Essas são as razões por que Deus não o chama para correr sozinho. Estar unido a uma igreja estimula as responsabilidades e ajuda, de muitas maneiras, a crescer na vida cristã.<sup>160</sup>

No corpo de Cristo, cada membro é uma parte do todo, tanto que ferir-se é o mesmo que ferir a todos, machucar alguém é trazer dor para todo o corpo, inclusive a Cristo, o cabeça. Cuidar dessas questões é essencial para o bem-estar de cada membro e, conseqüentemente, de todo o corpo.<sup>161</sup> O cristão deve posicionar-se quanto à relevância de viver em comunhão com outros irmãos, pois ser membro de uma igreja significa ser incorporado na caminhada prática do corpo de Cristo, e unir-se a ela é um reflexo exterior de um amor interior – amor a Cristo e a Seu povo. Infelizmente, muitos têm sido negligentes em relação a esta verdade. Portanto,

---

<sup>160</sup> DEVER, M. Nove marcas de uma igreja saudável, p. 166,169, 230 e 250.

<sup>161</sup> GETZ, G. A. Igreja – forma e essência, p. 327.

quem é cristão de fato segue a Cristo e também ama a Igreja pela qual Ele morreu. Isto redundará em crescimento e glorificação ao nome de Deus.<sup>162</sup>

### 3.2 Princípios para a Unidade na Família Cristã

A situação atual das famílias tem demonstrado o quanto a desestruturação familiar pode contribuir para que a sociedade caminhe de mal a pior. Conceitos egoístas, individualistas e relativistas têm minado as famílias. Diante disso, as perguntas que surgem são: Como as famílias cristãs têm se portado diante dessa realidade? O quanto elas têm sido influenciadas por essa avalanche que visa destruir o que foi instituído por Deus? Qual é a relevância de uma família unida e bem estruturada? Alguns princípios básicos de unidade na família cristã serão abordados para mostrar que são essenciais, para que, numa escala maior, se cultive a unidade da igreja. Antes de querer viver a unidade na igreja, é preciso vivê-la no lar.<sup>163</sup>

A família é o fator mais importante na formação de um ser humano. Quando a sociedade desvaloriza a família, sofre uma perda irreparável. A primeira instituição criada ou fundada por Deus foi a família (Gn 2.18-25). Além dessas, Deus fundou o governo humano (Gn 9.4-7; 10.5; Rm 13.1-8) e a Igreja (com o objetivo básico de ensinar o evangelho e os mandamentos Mt 28.18-20). O lar cristão e a igreja são instituições que se sustentam mutuamente. A igreja tem resistido às ideias humanistas com suas doutrinas de que não existem absolutos e que cada indivíduo deve fazer o que tem vontade. Dentro desse conjunto de idéias humanistas, o lar não tem valor. Qualquer coisa que é nociva ao lar é inimiga da sociedade, e o humanismo tornou-se o maior fator de destruição da família.<sup>164</sup>

O conceito de liberdade absoluta é uma armadilha satânica que vem destruindo famílias, inclusive cristãs. O egoísmo tem sido um grande vilão na esfera familiar, pois cada vez que o “eu” é o centro e a renúncia não ocorre, trava-se uma guerra. É preciso ter Deus no centro e abrir mão das vontades próprias. Para que a casa seja estável, deve-se permitir que o poder de Deus derrote o egocentrismo. A submissão a Deus é o primeiro passo e servir um ao outro é o resultado.<sup>165</sup>

Para Hindson, está claro que na família cada um deve cumprir o seu papel. Por sinal, o marido é o líder que deve dirigir (não ser ditador) o lar, sendo submisso a Deus, e a esposa e os filhos

<sup>162</sup> DEVER, M. Nove marcas de uma igreja saudável, p. 179.

<sup>163</sup> LAHAYE, T.; LAHAYE, B. Vida familiar controlada pelo Espírito Santo, p. 14 e 15.

<sup>164</sup> *Ibidem*, p. 14 e 15.

<sup>165</sup> FAULKNER, P.; BRECHEEN, C. O que toda família precisa, p. 7-18.

alegremente seguirão um homem que está seguindo ao Senhor (I Tm 5.8). A liderança firme e amorosa do pai constrói uma proteção sobre sua esposa e filhos. Ele é retratado como o protetor (Mc 3.27), e é o pastor ou líder espiritual da família (Dt 6.6-12). A esposa precisa chegar à maturidade espiritual, aprendendo o princípio de submissão dado por Deus e cooperar (Ef 5.22-24; Cl 3.18). Os filhos devem ser obedientes aos pais (Ef 6.1). Porém, a família não pode funcionar bem sem submeter-se à autoridade suprema, Jesus Cristo.

Hindson também alega que uma família unida é aquela que desenvolve o profundo senso de comunhão, ou seja, uma família unida é aquela que ama a Deus, ama a Palavra e ama a cada um de seus membros individualmente. O amor genuíno não está em falta somente no mundo, com suas amarguras e crueldade, mas também na família cristã. Por isso, cada um dos membros da família precisa contribuir para a unidade familiar, que é responsabilidade de todos. Claro que há graus diferentes de responsabilidade: o marido é a pessoa chave para a família obter as bênçãos de Deus. Ele precisa compreender que sua esposa e filhos merecem um líder espiritual, que os ame e que ame a Deus de todo o seu coração. Sua prontidão em dar de si mesmo é essencial para guiar a vida deles e preencher as necessidades. A mãe e esposa, por sua vez, deve conscientizar-se de que sua família precisa e merece aquela pessoa disposta a usar energia criadora para complementar, e não para competir com a liderança do marido. Os filhos precisam entender que devem obediência espontânea aos pais e sua cooperação. Assim, cada parte auxilia na criação da atmosfera que Deus planejou para o lar – uma família unida. Por fim, a unidade profunda e permanente, necessária para a estabilidade da família, depende de amor genuíno.<sup>166</sup>

Rosa diz que uma das condições para haver a permanência significativa da família é a existência de interesses comuns entre os seus membros. Isto não significa eliminar as diferenças individuais, pois o que cria conflitos não são as diferenças, mas o fato de não reconhecê-las e aceitá-las. É imperativo, portanto, que os membros da família, além dos seus interesses pessoais, procurem desenvolver interesses dos quais todos participem. É o importar-se uns com os outros. Planejar atividade em conjunto, como passear, ler, brincar, orar, cultuar juntos, etc, tudo isso cria uma atmosfera de cordialidade, entre os membros da família, que os faz ficar mais unidos, mais próximos uns dos outros. “Revelar o genuíno

---

<sup>166</sup> HINDSON, E. E. A família total, p. 11-28, 129 e 137-139.

interesse naquilo que os outros membros fazem e aceitar o seu papel no seio da família fortalece os laços familiares”.<sup>167</sup>

Tim e Bevely Lahaye afirmam que a vida cheia do Espírito Santo tem como objetivo, primeiramente, a vida familiar e não o trabalho da igreja. Num lar cristão controlado pelo Espírito Santo de Deus, a esposa se submete ao marido, ele a ama, os filhos são obedientes, e os pais se darão ao trabalho de disciplinar os filhos na admoestação do Senhor. Esta é a condição para a vida familiar feliz. O verdadeiro teste da pessoa cheia do Espírito Santo é a sua conduta no lar, e não o que ela faz fora dele (na igreja). Pois os problemas que cercam o relacionamento familiar certamente ultrapassam todos os que são vivenciados fora dele. O fruto do Espírito deve permear a vida no lar, e isso começa com os pais.

Tim e Bevely Lahaye também testemunham que dos mais de dois mil casais que aconselharam em suas angústias pela desarmonia conjugal, nunca precisaram aconselhar a um casal cheio do Espírito Santo. Eles constataram que uma família que anda sob o controle do Espírito de Deus não está isenta de problemas, mas está capacitada para resolver ou passar pelos mesmos.<sup>168</sup>

Infelizmente, nota-se que a divisão familiar (divórcio) vem aumentando entre os cristãos. Por quê? É porque não é fácil para pessoas imperfeitas compartilharem semanas e anos “na saúde e na doença, na prosperidade e na adversidade e na alegria e na tristeza”. A questão toda é um colocar o outro em primeiro lugar, servindo sem cobrar, sempre transformando o amor em ação. Contínuos exemplos de amor devem permear o convívio diário, para que o amor se torne parte da essência de uma pessoa. E é na família que isso deve acontecer.<sup>169</sup>

Considerando que o amor é o primeiro “gomo” do fruto do Espírito (Gl 5.22,23), não é dever amar somente os membros da família, mas, como família, amar outras famílias, incluindo vizinhos e até os inimigos (Lc 6.27-36). Esse amor não é abraços e beijos, arrepios e calafrios, pura emoção. Quando Jesus fala sobre amar, Ele se refere não só a sentir a emoção do amor, mas a uma ação de amor. Assim, a família precisa desse amor, que é demonstrado através do tempo que se dá a ela, atenção e interesse (uma dedicação total de atitudes internas – externadas).<sup>170</sup>

---

<sup>167</sup> ROSA, M. Problemas da família moderna: perspectiva cristã, p. 154 e 155.

<sup>168</sup> LAHAYE, T.; LAHAYE, B. Vida familiar controlada pelo Espírito Santo, p. 35-37.

<sup>169</sup> SCHAEFFER, E. Celebração do matrimônio, p 59.

<sup>170</sup> HINDSON, E. E. A família total, p. 131-133.

Getz explica que, sem dúvida, a unidade familiar ocupa um lugar central na Bíblia. É anterior à igreja, sendo uma unidade básica em todo o AT. No NT, ela deve formar os “tijolos” da igreja, pois as famílias cristãs fortes fazem igrejas fortes, sob os aspectos da evangelização e da edificação. E, por sua vez, as igrejas fortes criam famílias fortes. Deuteronômio 6.6-9 mostra como deve funcionar um lar nos moldes divinos. O processo é o instruir e ensinar através da Palavra e do exemplo. Israel fracassou por não seguir as instruções (Dt. 6.11,12), esquecendo-se de Deus (Dt 8.12,13,17), a ponto da geração seguinte não conhecer ao Senhor (Jz 2.10). Assim, a unidade familiar de Israel fracassou, pois uma nação não é mais forte que suas unidades familiares.

Para Getz, o mesmo ocorre com a comunidade cristã ou igreja. Se a família deixa de funcionar, se os maridos e as esposas não experimentam a verdadeira *Koinonia*, se os membros da família como um todo não conseguem relacionar-se uns com os outros, não é possível contar com uma comunhão dinâmica no âmbito da igreja. Por fim, se a igreja auxilia os maridos e esposas a desenvolverem a vida a dois e a criarem seus filhos na disciplina e admoestação do Senhor, colherá bons resultados. Ajudando a desenvolver famílias cristãs de qualidade, não só servirão de tijolos dentro da igreja local, como também servirão de exemplo dinâmico nas respectivas comunidades.<sup>171</sup>

Nessa era de desintegração da sociedade, muitos sociólogos concordam que isso, de fato, tem tudo a ver com o colapso no nível familiar. A vida familiar é que mais tem sofrido com as crises atuais. Lares desfeitos, filhos vítimas de uniões rompidas sofrem com o egoísmo e a insensibilidade dos adultos. O colapso e o abandono da maneira tradicional da vida familiar por casamentos coletivos, experimentais, e o “viver juntos” sem comprometimento legal ou moral, marcam os dias atuais. É triste, mas além do número crescente de divórcio nos lares cristãos, um outro mal afeta as bases da família cristã. Muitos lares cristãos que permanecem unidos estão divididos de inúmeras maneiras: pais que, sem se dar conta, tratam com descaso seu lar e os filhos, tendem a supervalorizar a vida profissional; mães sentem-se obrigadas pelas pressões financeiras a trabalhar e, através desses e outros motivos, a unidade familiar vai sendo comprometida. Diante dessa realidade, a grande contribuição da igreja é ajudar a edificar o lar. Famílias fortes edificam igrejas fortes e, mais que qualquer outro fator, lares fortes e igrejas fortes podem estabilizar e revitalizar a sociedade. O lar não deixou de ser o

---

<sup>171</sup> GETZ, G. A. *Igreja – Forma e Essência*, p. 132 e 133.

fundamento para todas as instituições, por isso é preciso fortalecê-lo e se opor aos devastadores ataques culturais que surgem.<sup>172</sup>

Já se dizia: “O que se é nos círculos mais amplos das atividades do Reino depende do que se é nas atividades mais íntimas do lar”. A vida espiritual do lar depende do esforço de se buscar a Deus, juntos. O culto familiar é algo essencialmente necessário para a vida espiritual do lar. Há dois elementos que sempre devem estar presentes: leitura da Palavra e oração, mas hinos e cânticos também são importantes. Este culto realizado no seio da família deve ser preparado (pais), ter a participação de todos (todos devem e podem se expressar), e a regularidade (manter o culto – o que requer criatividade e variedade para não tornar-se algo meramente cerimonial ou superficial).<sup>173</sup>

### 3.3 Princípios para a Unidade na Igreja Local

Falcão Sobrinho menciona que somente estando unida, a igreja local alcança os seus objetivos na adoração, na ação social, no magistério da fé, na evangelização. Somente estando unida em amor, a igreja pode demonstrar o amor de Cristo e cumprir sua missão na terra. Mas, ele também descreve fatores que promovem a unidade da igreja e que podem ser tomados como princípios.

Segundo ele, a unidade da igreja avança à medida que: **a)** o poder do Espírito Santo nela cresce e amadurece os fiéis na fé. Isto proporciona aos cristãos a percepção de quão mesquinhas são suas razões, como são infundados os seus temores, como são irrelevantes seus direitos e como são carnavais e mundanos todos os motivos de divisão na igreja; **b)** a Palavra é ensinada, pois a igreja instruída na Palavra resiste a divisões, não deixando que criem raízes. A igreja que conhece e vive a Bíblia permanece unida. Fome produz conflitos e, muitas igrejas sofrem desse mal por não serem nutridas pela Palavra; **c)** a igreja ouve, na alma, o clamor do mundo que perece, e se une para socorrê-lo. É sair da acomodação, levantar os olhos, relacionar-se com Cristo e sentir a compaixão que Ele sentiu pelos perdidos. Isso leva os cristãos a reconhecer que não é sacrifício qualquer ato de renúncia pessoal em favor da unidade do corpo de Cristo; **d)** a liderança se submete à Palavra e à oração incessante. Os líderes, principalmente o pastor, devem ser exemplos (I Tm 4.12). A consistência entre o que se fala e o que se vive é um fator positivo na construção da unidade da igreja; e, **e)** se

<sup>172</sup> GETZ, G. A. *Igreja – forma e essência*, p. 133, 322 e 323

<sup>173</sup> LEAVELL, M. B. *O lar cristão*, p. 62-64.

intensifica a esperança da vida eterna. Esta esperança produz na igreja a visão correta das doutrinas e a plena estabilidade do relacionamento de cada cristão com Deus e com os salvos.<sup>174</sup>

Prior e Stott, baseados no texto de I Coríntios 12.14-27, também apresentam três fatos importantes em relação ao convívio entre cristãos da igreja local:

**a) *Os cristãos precisam uns dos outros (v.15,16,21):*** não deve haver entre os membros (cristãos) um espírito de independência e nem de superioridade, pois isso causa atrofia e paralisia em todo o Corpo. Se juntos os cristãos são o Corpo de Cristo, precisam uns dos outros, não apenas para garantir a saúde do corpo como um todo, mas também para permitir que cada indivíduo possa atuar com todo seu potencial;

**b) *Os cristãos diferem uns dos outros (v.17-20,27):*** esta diferença é vontade de Deus, pois Ele quer que essas diferenças formem uma unidade especial, que seja reconhecida como uma obra de suas próprias mãos. Ainda que haja subgrupos e diversos ministérios que formam sua própria unidade, estes também fazem parte do todo e não estão ali para viverem isolados do restante do corpo local. A comunidade que é sensível ao Espírito Santo fica sujeita, pelas Escrituras, a viver a unidade na diversidade. Ela não mede esforços para viver unida e compreende que não deve haver um muro separador. Todos vivem unidos, pretos e brancos, intelectuais e práticos, crentes novos e maduros, judeus e gentios, jovens e velhos, homens e mulheres, solteiros e casados. Os cristãos diferem uns dos outros, e somente Deus, que os fez assim, pode mantê-los unidos;

**c) *Os cristãos devem cuidar uns dos outros (v.22-26):*** o cuidado mútuo é intrínseco ao corpo; é a maneira pela qual Deus coordenou (ajustou) o corpo (v.24). Deus quer que os membros da igreja local reconheçam o quanto dependem uns dos outros, pois isso é um incentivo para remover a divisão (*shisma* v.25) e aprofundar o verdadeiro interesse. Estar dispostos a dar atenção especial aos irmãos mais fracos e ter o cuidado de participar das alegrias e das tristezas dos outros membros do corpo é o que caracteriza uma igreja unida e torna seu testemunho íntegro para o mundo.<sup>175</sup>

Stedman também ressalta a importância de que, ao se reunirem, os cristãos reconheçam que são chamados a se entenderem mutuamente. Devem tolerar-se, orar uns pelos outros, perdoar-

<sup>174</sup> FALCÃO SOBRINHO, J. *A túnica inconsútil*, p. 144-146.

<sup>175</sup> PRIOR, D.; STOTT, J. R. W. *A mensagem de I Coríntios*, p. 226-229.

se, ser benevolentes e de bom coração, não guardar rancor, amargura, entre si. É neste contexto que o Espírito quer agir, tirando esses sentimentos. A igreja local precisa dar ouvidos ao Espírito Santo e praticar a Verdade.<sup>176</sup> Deus, por seu poder, criou essa unidade e a garante, mas os filhos do Pai celeste têm a obrigação de preservar a unidade da família divina dentro de suas igrejas locais.<sup>177</sup>

Bergstén afirma que o Espírito Santo é o principal promotor e defensor da união entre os cristãos, pois ajuda a guardar a unidade do Espírito. Essa unidade deve resultar numa igreja unida e forte. Essa união é evidenciada com o cuidado e amor uns pelos outros e leva o mundo a compreender o Evangelho de Cristo (I Co 12.25; Hb 10.24; Jo 17.23). A Bíblia combate as ações que destroem a união. Atitudes como murmuração (At 6.1-7), amargura (Cl 3.13; Hb 12.15; I Pe 4.8) e todo tipo de carnalidade (Gl 5.19-21, 22 e 23) são combatidas. Para conservar a união dos cristãos contra aqueles que causam dissensões, a disciplina torna-se necessária, mas deve ser aplicada no momento apropriado e com muito amor. Pessoas que ameaçam a união da igreja não servem a Deus (Rm 16.18).<sup>178</sup>

Tenney observa que os cristãos devem “agir” como os gansos. Em suas migrações, os gansos voam formando um V, e quando o que está na frente se cansa, outro assume a posição, e mais, quando um deles fica doente ou ferido e sai da formação, outros dois gansos saem da formação e o acompanham até que se recupere e volte ao bando. Assim, os cristãos devem dividir suas cargas e não condenar os que caem, mas assisti-los com amor e cuidado, conduzindo-os de volta ao grupo. Este é o outro lado da disciplina que mostra a verdadeira unidade.<sup>179</sup>

Mark Dever diz que, se os cristãos da igreja ou congregação local dependem uns dos outros, a disciplina tem de fazer parte de seu discipulado. E, se é necessário aplicar o que o NT ensina sobre disciplina, é preciso conhecer e ser conhecido uns dos outros e ser comprometidos uns com os outros.<sup>180</sup> Isso implica reconhecer as autoridades que Deus instituiu, os ministros, autorizados a estabelecer a disciplina nas igrejas (Mt 16.19; 18.18). Sem dúvida, a sã doutrina deve ser mantida (I Tm 1.13 – Disciplina formativa), os ofensores devem ser repreendidos (I Tm 5.20 – Disciplina corretiva), e os obstinados devem ser removidos (I Co 5.3ss; I Tm 1.20

<sup>176</sup> STEDMAN, R. C. *Igreja corpo vivo de Cristo*, p. 38.

<sup>177</sup> CHAMPLIN, R. N. *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia*, V. 6, p. 537.

<sup>178</sup> BERGSTÉN, E. *Introdução à teologia sistemática*, p. 309-312.

<sup>179</sup> TENNEY, T. *O dream team de Deus – um chamado à unidade*, p. 50.

<sup>180</sup> DEVER, M. *Nove marcas de uma igreja saudável*, p. 16.

– Disciplina cirúrgica). O fator essencial é que a igreja espiritual se submete à disciplina (Hb 13.17). Estes três tipos de disciplina visam o aperfeiçoamento e a pureza, combatendo a corrupção que leva a igreja a uma queda na vida espiritual e à desunião, dividindo-a. O que pode evitar isso, e fazer a igreja ser uma família saudável, é a disciplina formativa. A igreja precisa ser a escola do cristão.<sup>181</sup>

Stedman comenta que o amor desempenha um papel interessante no convívio entre os cristãos da igreja local. Ele diz que a função do amor na igreja local é manter a unidade e não criá-la. A igreja nunca pode criar a unidade, mas pode mantê-la. Considerando os textos-base sobre unidade e o dever da igreja local, está claro que os cristãos devem dirigir seus esforços não no sentido de alcançar uma paz exterior, mas de manter a paz dentro do corpo (Ef 4.3). É extremamente importante que os cristãos parem com contendas, brigas, concorrência mútua, além do forte ressentimento e ódio. A igreja em que há tais atitudes torna-se um corpo totalmente ineficaz dentro de sua comunidade. Infelizmente, essa igreja não pode dizer coisa alguma que desperte a atenção do mundo.<sup>182</sup>

Mark Dever concorda que, acima de tudo, a igreja local é o lugar que deve refletir o amor de Deus de modo que todos o vejam. O mandamento de Jesus é claro: “Um novo mandamento lhes dou: Amem-se uns aos outros. Como eu os amei, vocês devem amar uns aos outros. Com isso todos saberão que vocês são meus discípulos, se vocês se amarem uns aos outros” (Jo 13.34,35). A falta de amor nas igrejas é um testemunho prejudicial para os de fora, pois causa barreiras e afasta indivíduos e famílias de Cristo (não querem ouvir falar). Mas, quando atitudes de amor, amor altruísta, ensinado e vivido por Jesus, permeiam a comunidade cristã, as pessoas se sentem atraídas por esse amor.<sup>183</sup>

Para Getz, o amor diz respeito aos relacionamentos moldados segundo Cristo, entre os membros do corpo e para com todas as pessoas – uma atitude que cria unidade e unanimidade. Ele diz que o amor deve ser manifestado no corpo de Cristo, pois é o requisito mais importante e, por isso, muito difundido no NT (Jo 13.34,35; I Co 13; Ef 1.15-18; 4.14-16; Fp 1.9; Cl 1.3-5; 3.12-14; I Ts 1.2,3; 3.11,12; II Ts 21.3,4; Hb 10.24; I Pe 1.20-22; 4.8; I Jo 3.11,23; 4.7,11).<sup>184</sup>

---

<sup>181</sup> MARTINS, J. G. Manual do pastor e da igreja, p. 95 e 96.

<sup>182</sup> STEDMAN, R. C. Igreja corpo vivo de Cristo, p. 25, 37 e 38.

<sup>183</sup> DEVER, M. Nove marcas de uma igreja saudável, p. 15.

<sup>184</sup> GETZ, G. A. Igreja – forma e essência, p. 103 e 104.

Com base em I Co 13, Getz menciona que o amor é maior que a fé e a esperança, e muito superior a quaisquer dons que a igreja possa ter. Também destaca o que está implícito nessas palavras de Paulo, ou seja, mesmo que a igreja local tenha todos os dons, mas não tiver amor, de nada valerá, será inútil, isto é, esses cristãos nada são e nada têm. O amor deve ser manifestado no corpo, pois evidencia a unidade e testemunha de Cristo.

Getz se concentra em mencionar o que Paulo apresenta sobre o amor e como ele funciona na prática entre os irmãos. O amor é paciente (I Co 13.4) e não impaciente (I Co 1.10), benigno (I Co 13.4) e não contencioso e invejoso (I Co 3.3), não se vangloria e não é orgulhoso (I Co 13.4 – cf. I Co 1.29; 3.18,21; 4.7), não se conduz inconvenientemente ou não maltrata (I Co 13.5 – cf. 5.1; 6.15-20; 11.20,21), não procura seus interesses, não se ira facilmente, não guarda rancor (I Co 13.5 – cf. 6.1-8; 8.9; 10.14), não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade (I Co 13.6 – cf. 5.2).

Por fim, Getz afirma que, se na igreja local os cristãos entre si não vivem dessa maneira, falta o amor. O verdadeiro amor (I Co 13.7) fica firme em meio às pressões e sofrimentos (tudo sofre), está sempre desejoso de acreditar no que é melhor (tudo crê), demonstra confiança no futuro, não pessimismo irremediável (tudo espera), e prossegue firme em meio às lutas, sem desanimar (tudo suporta). O corpo local de cristãos que não possui essas virtudes e vive num estado de parcialidade, infantilidade e obscuridade na vida espiritual, precisa corrigir essa situação. Precisa lutar por um caminho mais excelente, ou seja, buscar o amor (I Co 12.31b).<sup>185</sup>

### **3.4 Princípios para a Unidade na Igreja Universal**

Primeiramente, é preciso ter em mente a verdadeira natureza e função da igreja. Esta não é uma instituição humana, ou uma organização independente, que existe pela força de seus números. A igreja é um corpo chamado para um relacionamento todo especial com Deus. Está sob a direção de sua cabeça, Cristo, e deve seguir Suas instruções. Diante da realidade do mundo, a igreja deve, única e simplesmente, cumprir sua vocação, não se desviar das estratégias divinas, mas obedecer às ordens que tem recebido, seguindo o seu Cabeça (Ef 4.1-3). Quando a igreja se mantém fiel a sua vocação, torna-se um fator terapêutico na sociedade, e esta desfruta de uma vida sadia.<sup>186</sup>

<sup>185</sup> GETZ, G. A. *Igreja – forma e essência*, p. 96-102.

<sup>186</sup> STEDMAN, R. C. *Igreja corpo vivo de Cristo*, p. 15-18.

Porém, o ser sempre precede o fazer, pois o que a igreja faz é determinado por aquilo que ela é. Deus não se preocupa primeiro com o que a igreja faz, mas com o que ela é. O primeiro objetivo ou tarefa da igreja não é o bem-estar do homem (isso também é muito importante), mas sim viver para o louvor e para a glória de Deus (Ef 1.4-6a, 12). É através desse corpo que a glória de Deus se faz conhecida, pois deve resplandecer nos corações (II Co 4.6). O segredo da igreja é que Cristo vive nela, e esta é a sua grande vocação: tornar visível o Cristo invisível (Ef 1.22,23; 2.19-22). Não restam dúvidas de que a igreja foi chamada para ser uma testemunha que declara e demonstra Cristo (At 1.8; Ef 3.9,10; I Pe 2.9).<sup>187</sup>

Stedman enfatiza que a igreja deve demonstrar a vida e o caráter do que vive dentro dela, Jesus Cristo. Os cristãos não devem testemunhar com arrogância e rudeza, nem com presunção de “sou mais santo que você”, nem com a soberba de um santarrão, e muito menos sobre o fundo de torpes brigas de igreja nem asperezas entre si. Os cristãos não devem batalhar e empenhar suas vidas pela igreja (denominação), mas pelo Senhor da igreja. A igreja não pode salvar o mundo, mas o Senhor da igreja pode.

Ele também afirma que a verdadeira igreja não procura ganhar poder aos olhos do mundo, pois tem todo poder de que precisa do Senhor que nela mora. Ela precisa ser paciente e indulgente, evitando decididamente a prática de males sociais em seu próprio meio, implantando assim na sociedade sementes de verdade que, no seu tempo, hão de germinar. A Palavra expressa claramente que é dever dos cristãos manterem a unidade do Espírito. A unidade já existe, ela só precisa se fazer evidente. Este é o papel da igreja.

Para Stedman, a unidade do Espírito leva à conclusão de que não se pode classificar os cristãos segundo suas organizações. Nem todo católico é cristão e nem todo batista o é. Não se pode sustentar que os que pertencem às Igrejas Fundamentalistas Independentes são cristãos, enquanto os que fazem parte do CMI não o são. De fato, o Espírito de Deus sempre ultrapassará divisões humanas, e a unidade do Espírito será encontrada em pessoas de muitos grupos diferentes, e os cristãos devem aceitar esse fato.<sup>188</sup>

Sendo assim, mesmo que os cristãos possam e devam cooperar e se envolver com outros grupos, cristãos e não-cristãos, no que se refere ao compartilhar da vida humana (dar assistência ao sofrimento humano, no estabelecimento de um governo forte e justo, na educação, etc.), há uma área em que não pode ocorrer essa mistura: na proclamação da grande

---

<sup>187</sup> STEDMAN, R. C. *Igreja corpo vivo de Cristo*, p. 19-23.

<sup>188</sup> *Ibidim*, p. 23,24,38 e 39.

e transformadora mensagem da igreja, ao evangelizar o mundo, já que muitos que se consideram cristãos, compreendem o evangelho de maneira bem diferente, seguem direções opostas, em relação à verdadeira doutrina da igreja.<sup>189</sup>

Unir-se sob essas condições seria como montar em dois cavalos que vão a direções opostas. Os israelitas foram ensinados sobre essa verdade, ou seja, não juntar o boi e o jumento sob o mesmo jugo (Dt 22.10). Fazer isso é esfolar-se mutuamente o tempo todo, é não permanecer fiel à vocação para a qual a igreja foi chamada (Ef 4.4-6).<sup>190</sup> Horton faz a seguinte declaração: “nossa necessidade urgente é uma obra soberana do Espírito Santo para fazer entre nós o que a nossa ‘união programada’ não consegue fazer”.<sup>191</sup>

Stott diz que o amor cristão está fundamentado na verdade cristã, e que nunca o amor que existe entre os cristãos poderá aumentar enquanto se diminuir a verdade que deve ser sustentada em comum. No movimento contemporâneo rumo à unidade da igreja, é preciso muito cuidado para não comprometer a própria verdade da qual, exclusivamente, dependem o amor verdadeiro e a verdadeira unidade.<sup>192</sup>

---

<sup>189</sup> STEDMAN, R. C. Igreja corpo vivo de Cristo, p. 38 e 39.

<sup>190</sup> *Ibidim*, p. 39 e 40.

<sup>191</sup> HORTON, S. M. Teologia sistemática – uma perspectiva pentecostal, p. 545.

<sup>192</sup> STOTT, J. R. W. As epístolas de João, p. 174 e 175.

## CONCLUSÃO

Muitos cristãos do século XXI, infelizmente, parecem atentar mais para a “liberdade” da individualidade e para a “era” do relativismo, do que buscar compreender e viver a unidade que Deus gerou em Jesus Cristo. Embora pareça utopia, é possível que os salvos, os crentes em Jesus Cristo vivam, cultivem e zelem pela unidade, desfrutando de seus largos benefícios. É evidente que isso depende do desejo e esforço em cumprir a vontade de Deus, ou seja, sua Palavra. Mas compreendendo melhor o que é Igreja, como é identificada na Bíblia, qual sua função, e a partir dessa perspectiva, entender o que é unidade e sua complexidade, seus propósitos e princípios básicos práticos, é possível cultivar e zelar pela unidade e corresponder de maneira mais satisfatória ao clamor de Jesus.

Conforme o primeiro capítulo, entende-se que a igreja é um grupo de pessoas transformadas por sua fé em Cristo, que vivem para servi-lo e proclamar que Ele é o Salvador e Senhor absoluto. Dentro do conceito de igreja há dois termos: igreja local e igreja universal. A igreja local são os crentes em Cristo que estão organizados em um determinado local com a finalidade de servir e amar a Deus, e a igreja universal é uma referência a todos os cristãos de todas as épocas e lugares, que um dia estarão na presença de Deus. O que fica claro, acima de tudo, é que a igreja é uma instituição divina e não humana; logo, ela pertence a Deus e não a homens.

Em seguida, com base em textos bíblicos foram destacadas as principais figuras que se referem à Igreja: Povo de Deus, Família de Deus, Edifício de Cristo, Templo do Espírito Santo e Corpo de Cristo. Estas figuras indicam que a igreja é uma reunião e uma justaposição de vários indivíduos que foram resgatados pelo amor de Deus. Estes indivíduos formam um grupo dinâmico, interdependente, unido e extremamente dependente de seu Senhor Jesus Cristo. A finalidade dessas figuras é destacar a importância e a magnitude daquilo que foi gerado por Deus em Cristo, a unidade entre os salvos.

Também se falou a respeito da função da igreja na terra. A Igreja não existe para ficar inativa, mas para servir ao Senhor. Assim, ela adora, edifica-se, evangeliza e serve uns aos outros. Esta é a missão da igreja e só será bem desenvolvida se a igreja vive a unidade. A unidade, por sua vez, conduz à realização da missão, ou seja, uma igreja só adora, edifica-se, evangeliza e serve uns aos outros de fato, se vive a unidade em Cristo. Segundo a oração de Jesus, a missão é eficaz quando o corpo vive a unidade baseada no amor.

O segundo capítulo inicia com o conceito de unidade espiritual e de unidade da igreja local – a unidade espiritual compreende a unidade gerada por Deus através de Cristo Jesus, uma unidade completamente espiritual, cujo padrão e origem é a unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo. A unidade da igreja local também é de ordem espiritual, pois Cristo é o que impulsiona os cristãos locais a lutarem para que as relações da vida e do trabalho prático entre eles venham a corresponder àquele fato (unidade espiritual), na máxima medida possível.

Na sequência fala-se sobre a complexidade da unidade e sobre os propósitos da unidade. Quanto à complexidade da unidade, sabe-se que não se trata de uniformidade, não é tudo igual. Na verdade, contextualizando, unidade, segundo I Co 12.1-11, é a união da diversidade de membros. A unidade do corpo de Cristo é repudiar o individualismo. É a interdependência. A unidade não deve ser confundida com o ecumenismo, ambas são de naturezas bem distintas. Uma é criada e sustentada por Deus e outra é uma unidade organizacional criada e sustentada pelo próprio homem.

Contudo, não se deve crer que igrejas cristãs não podem trabalhar juntas, isso seria outro extremo. Mas é preciso saber determinar até que ponto o envolvimento maior com atividades cooperativa são coerentes, pois se ferem a preservação de convicções bíblicas e a obediência ao Senhor, não convém se envolver. Também se constatou que a unidade cristã sofre com constantes divisões, e conforme Jo 17.20-23, a unidade do corpo é que impressiona o mundo e dá testemunho de que Cristo é o salvador enviado, e não a divisão. Esta só é possível mediante vontade de Deus ou quando o propósito é permanecer na Sua Palavra.

Já os propósitos da unidade destacados foram: glorificar a Deus e proclamar o Evangelho, pois a vida e unidade espiritual da igreja têm a função de glorificar a Deus e anunciar sua salvação. Além de ser necessária aos cristãos, a unidade glorifica o Pai e o Filho e serve de testemunho para os descrentes (Rm 5.6,7). Outro propósito é produzir crescimento e maturidade espiritual, pois a igreja unida, que busca, ora e se alimenta da Palavra, cresce e vai adquirindo maturidade. Também é através da unidade que a igreja adquire força e prova o avivamento, ou seja, uma comunhão genuína, indiscutivelmente, gera fortalecimento e impacta os incrédulos. Porém, se a igreja não passa de um corpo ferido, dividido e sem amor real, ela não glorifica a Deus, não alcança como deveria os incrédulos, quebra o processo de crescimento e amadurecimento, e por fim, enfraquece e esfria espiritualmente.

No terceiro e último capítulo são apresentados princípios básicos e práticos para a unidade cristã. Estes visam levar o cristão, a família cristã, a igreja local e a igreja universal a um conhecimento, e também, ao zelo, preservação e cultivo da unidade. A intenção e finalidade é fazer com que cada parte reflita e ponha em prática o que lhe cabe para que a unidade da igreja seja uma expressão real.

Em suma, a unidade pela qual Jesus orou tem sua origem em Deus. Trata-se de uma unidade espiritual que deve ter expressão real e significativa para o mundo através da unidade da igreja local. Isso só será possível mediante uma rendição e submissão completa dos cristãos àquele que é o Senhor da igreja, Jesus Cristo. Na medida em que os servos do Senhor se submetem a Ele, O amam e obedecem sua Palavra, a unidade vai sendo cultivada, os propósitos vão sendo alcançados e os resultados serão inestimáveis. A oração de Jesus se cumpriu, mas à medida que a igreja se rende, obedece, edifica-se, serve e adora a Ele, essa oração ganha expressão no mundo. “Eu neles e tu em mim. Que eles sejam levados à plena unidade, para que o mundo saiba que tu me enviaste, e os amaste como igualmente me amaste” (Jo 17.23).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERGSTÉN, Eurico. Introdução à teologia sistemática. Rio de Janeiro: CPAD, 1999. 140 p.
- BERKHOF, Louis. Teologia sistemática. Trad. Odayr Olivetti. São Paulo: Luz para o Caminho, 1990. 491 p.
- BÍBLIA SAGRADA. Nova versão internacional. 5ª ed. São Paulo: Geográfica, 2000. 970 p.
- BOOR, Werner de. Carta aos Coríntios. Trad. Werner Fuchs. Curitiba: Esperança, 2004. 487 p. Série Comentário Esperança.
- \_\_\_\_\_. Evangelho de João II. Trad. Werner Fuchs. Curitiba: Esperança, 2002. 216 p. Série Comentário Esperança.
- BROWN, Colin (edit.). Dicionário internacional de teologia do NT. Trad. Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1983. 560 p.
- CARLTON, R. Bruce. Atos 29 – Treinamento para facilitar movimentos de plantação de igrejas em campos de colheita negligenciados. Trad. Benedito Gomes Becerra. Rio de Janeiro: EBD, 2006. 240 p.
- CHAMPLIN, Russel Norman. Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia. 8ª ed. São Paulo: Hagnos, 2006. Vol. 1,2,3,4 e 6.
- DEVER, Mark. Nove marcas de uma igreja saldável. Trad. Pr. Wellington Ferreira. São Paulo: Fiel, 2007. 307 p.
- DOCKERY, David S. (edit.). Manual bíblico Vida Nova. Trad. Lucy Yamakami, Hans Udo Fuchs, Robinson Malkomes. São Paulo: Vida Nova, 2001. 952 p.
- DUFFIELD, Guy P.; CLEAVE, Nathaniel M. V. Fundamentos da teologia pentecostal. São Paulo: Quadrangular, 1991. Vol. 2, 440 p.
- ERDMAN, Charles R. O Evangelho de João. São Paulo: Presbiteriana, 1965. 540 p.
- ERICKSON, Millard J. Introdução à teologia sistemática. Trad. Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 1997. 540 p.
- FALCÃO SOBRINHO, João. A túnica inconsútil – doutrina da Igreja. Rio de Janeiro: JUERP, 1998. 185 p.
- FAULKNER, Paul; BRECHEEN, Carl. O que toda família precisa. Trad. Neyd Siqueira. 3. ed. São Paulo: Vida Cristã, 2000. 175 p.
- FOULKES, Francis. Efésios introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1983. 150 p.
- GETZ, Gene A. Igreja forma e essência: o corpo de Cristo pelos ângulos das Escrituras, da história e da cultura. Trad. Márcio loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 2007. 420 p.
- GILBERT, A. A Igreja ou Assembléia de Deus. 2. ed. Lisboa: Minerva, 1982. 69 p.

GRUDEM, Wayne. Teologia sistemática. Trad. Norio Yamakami, Lucy Yamakami e Luiz A. T. Sayão, Eduardo Pereira e Ferreira. São Paulo: Vida Nova, 1990. 1046 p.

HAWTHORNER, Gerald F.; MARTIN, Ralph P.; REID, Daniel G. (org.). Dicionário de Paulo e suas cartas. Trad. Bárbara Theoto Lambert. 5. ed. São Paulo: Vida Nova, Paulus e Loyola, 1997. 1285 p.

HINDSON, Edward E. A família total. Trad. Celi Silva de Britto. Rio de Janeiro: JUERP, 1981. 170 p.

HORTON, Stanley M. Teologia sistemática. Trad. Gordon Chown. Rio de Janeiro: CPAD, 1996. 808 p.

INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa. São Paulo: Objetiva, 2001. CD-ROM, versão 1.0.

KUNZ, C. A. Aula de teologia sistemática. Ministrada no dia 19/08/08 (Terça-Feira). Ijuí: Faculdade Bat. Pioneira, 2008.

LAHAYE, Tim e Beverly. Vida familiar controlada pelo Espírito Santo. Trad. Myrian Talytha Lins. Venda Nova: Betânia, 1982. 192 p.

LEAVELL, Martha Boone. O lar cristão. Trad. Almir Gonçalves. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1984. 200 p.

LLOYD JONES, Martyn. A base da unidade cristã. Trad. Zilda Ferraz Fávero. São Paulo: Casa da Bíblia, [19--]. 80 p.

LOVELACE, Richard F. Teologia da vida cristã: as dinâmicas da renovação espiritual. Trad. Holpe Gordon Silva. São Paulo: Shedd, 2004. 264 p.

MCQUAID, Elwood. A tirania da minoria – atacando os valores judaico-cristãos. Trad. Lucília Marques Pereira da Silva e Jamil Abadía Filho. Porto Alegre: Actual, 2004. 48 p.

MARTINS, Jaziel G. Manual do pastor e da igreja. Curitiba: A.D. Santos, 2002. 374 p.

MATOS, Alderi Souza de. A caminhada cristã na história – a Bíblia, a igreja e a sociedade ontem e hoje. Viçosa: Ultimato, 2005. 256p.

PRIOR, David; STOTT, John R.W. A mensagem de I Coríntios: a vida na igreja local. Trad. Yolanda M. Krievin. São Paulo: ABU, 1993. 305 p.

RIDDLE, Steven D. Aula de plantação e crescimento de igrejas. Ministrada no dia 19/02/08 (Quarta-Feira). Ijuí: Faculdade Bat. Pioneira, 2008.

ROSA, Merval. Problemas da família: uma perspectiva cristã. Rio de Janeiro: JUERP, 1979. 165 p.

RUNIA, Klass. Reformemos a igreja. Trad. David A. de Mendonça. Recife: Cruzada de Literatura Evangélica do Brasil e ABU, 1971. 132 p.

SCHAEFFER, Edith. Celebração do matrimônio. Trad. Elizabeth Portela. São Paulo: Cultura Cristã, 2000. 96 p.

SEVERA, Zacarias de Aguiar. Manual de teologia sistemática. Curitiba: A. D. Santos, 1999. 504 p.

SHEDD, Russel P. Avivamento e renovação: em busca do poder transformador de Deus. São Paulo: Shedd Publicações, 2004. 122 p.

SHELLEY, Bruce L. A igreja: o povo de Deus. Trad. Neyd Siqueira. São Paulo: Vida Nova, 1989. 142 p.

SIDER, Ronald J. Cristianismo genuíno – aspectos essenciais de uma vida cristã autêntica. Trad. Patrícia Kerr. Campinas: United Press, 1999. 183 p.

STEDMAN, Ray C. Igreja – corpo vivo de Cristo. Trad. Walter Schlupp. 3. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1985. 145 p.

STOTT, John R. W. A mensagem de Efésios: a nova sociedade de Deus. Trad. Gordon Chown. 6. ed. São Paulo: ABU, 2001. 224 p.

\_\_\_\_\_. As epístolas de João. Trad. Odayr Olivetti. São Paulo: Mundo Cristão, 1982. 198 p.

\_\_\_\_\_. Ouçá o Espírito ouçá o mundo. Trad. Silêda Silva Steuernagel. São Paulo: ABU, 1997. 478 p.

STRONG, Augustus Hopkins. Teologia sistemática: a doutrina de Deus. Trad. Augusto Victorino. São Paulo: Hagnos, 2003. 880 p.

TARRY, Joe E. As armadilhas de Satanás contra a igreja de Cristo: um estudo no Novo Testamento. São Paulo: Hosana, 1998. 147 p.

TENNEY, Tommy. O dream team de Deus – um chamado à unidade. Trad. Hugo Gilberto da Silva. Belo Horizonte: Atos, 2003. 144 p.

THIESSEN, Henry Clarence. Palestras introdutórias à teologia sistemática. São Paulo: Batista Regular, 2006. 375 p.

WIERSBE, Warren W. Comentário bíblico expositivo do Novo Testamento. Trad. Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica, 2006. Vol. 2. 796 p.

WILLIAMS, Derek. Dicionário bíblico Vida Nova. Trad. Lucy Yamakami, Norio Yamakami, Gordon Chown e Robinson Malkomes. São Paulo: Vida Nova, 2000. 400 p.

YOUNGBLOOD, Ronald F. (edit.). Dicionário ilustrado da Bíblia. Trad. Lucília Marques Pereira da Silva. São Paulo: Vida Nova, 2004. 1475 p.